

ALESSANDRO VILAS BOAS

ANDANDO EM FAMÍLIA

*Reunidos ao
redor da Presença*

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

ALESSANDRO VILAS BOAS



ANDANDO EM FAMÍLIA

*Reunidos ao
redor da Presença*

ALESSANDRO VILAS BOAS



ANDANDO EM FAMÍLIA

*Reunidos ao
redor da Presença*

RECOMENDAÇÕES

O livro do Alê, “*Andando em família*”, é um presente para esse tempo e bem sei que expressa aquilo que ele está construindo com toda sua família. Escrever sobre Deus, família e igreja nesse tempo, é expor e afirmar elementos contraculturais para essa geração (que por muitas vezes é hedonista e narcisista). Com toda certeza você irá ler um grande clamor do coração de Deus para toda Sua ação e cumprimento do Seu propósito imutável e eterno: sermos filhos de Deus, estarmos inserido em uma grande família de muitos filhos semelhantes ao Primogênito e desfrutar da comunhão do Espírito.

Maycon Barroco

Iris Global Brasil

Autor de *A Igreja e os Sertões*

A forma intensa e verdadeira como não apenas Alessandro e Brunna, mas toda a sua comunidade local vive em família, fizeram com que eles se tornassem uma referência para aquilo que eu e a Cornerstone vivemos como família espiritual. Eles são exemplos vivos do “partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração”. Mais do que recomendar o ensino desse livro, eu quero testemunhar que a vida do Alessandro prega essa mensagem. Minha oração é para que seu coração seja provocado por essa verdade e você possa experimentar esse princípio elementar do cristianismo genuíno.

Farley Labatut

Pastor na Cornerstone

Autor de *Valentes pela Verdade e Marcados pelo Espírito*

Antes de conhecer o Ale e a Bru, e a nossa família ONE, não tínhamos a dimensão de que existia um nível tão profundo de aliança em Deus, e que realmente era possível sentir as dores uns dos outros, compartilhar dos mesmos sentimentos e termos o Senhor em comum com um coração puro e genuíno. Não só vimos que era possível, mas, até hoje, é essa revelação que guia as nossas vidas e que apalpamos diariamente. A mensagem deste livro mudou as nossas vidas em tantos níveis que seria impossível descrever tudo aqui, então certamente você será tocado não somente com palavras de um bom

escritor, mas oramos para que essas palavras saltem do papel e você seja tocado pela vida que flui através delas.

Anderson e Nathália Lima
Diáconos na Igreja ONE

A mensagem deste livro foi o que de mais poderoso tocou a nossa casa e toda a nossa vida! Alê e Bru, muito antes de escreverem este livro, nos marcaram com a poderosa realidade do viver em família, então, não estamos apenas validando uma mensagem preciosa, mas sim uma realidade de duas pessoas que abriram sua casa, suas vidas e nos marcaram com a mensagem de: “Deus faz com que o solitário viva em família” (Sl 68:6)

Guilherme é Gabriela Fazola
Diáconos na Igreja ONE



**EDITORA
THEMELIOS**

Rua Fortunato de Brito, 370,
Rio de Janeiro, RJ,
CEP: 22.750-300

Coordenação:
Mariana Gerbassi

Edição:
Carolina Miller

Revisão:
Alessandro Matos
João Pedro Vasconcelos
Mariana Bessa Demarchi

Capa:
Victor Castro

Diagramação:
Amanda Cunha

ANDANDO EM FAMÍLIA

Publicado com a devida autorização
do autor, Alessandro Vilas Boas.

Copyright © 2022 por Ministério Themelios.
Todos os direitos reservados.

•

Publicado por:
Ministério Themelios
www.ministeriothemelios.com.br

•

Para os textos bíblicos, salvo menção em
contrário, foi usada a versão Almeida Século
21 (A21).

•

É expressamente proibida a reprodução
parcial ou total deste livro, por quaisquer
meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos e
outros), sem prévia autorização por escrito do
Ministério Themelios, salvo breves citações,
com indicação de fonte, para utilização em
resenhas ou reportagens.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Vilas Boas, Alessandro
Andando em Família / Alessandro Vilas Boas. --
Rio de Janeiro : Ministério Themelios, 2022. --
(Andando com Deus)

ISBN 978-65-84963-03-0

1. Bíblia - Ensinaamentos
2. Deus (Cristianismo) - Adoração e amor
4. Espiritualidade - Cristianismo 5. Fé
6. Igreja - Cristianismo

SUMÁRIO

PREFÁCIO por David Cardoso

INTRODUÇÃO

PARTE 1: O DESEJO DE DEUS

Capítulo 1 Quem Deus é?

Capítulo 2 A Cruz e a Família de Deus

Capítulo 3 Igreja como Família

PARTE 2: IGREJA LOCAL E O MILAGRE DA COMUNHÃO

Capítulo 4 A Vida da Igreja

Capítulo 5 Entranháveis Afetos: O mistério da comunhão

Capítulo 6 Atos 2:42: O poder da perseverança

Capítulo 7 Cultura da Família

PARTE 3: UMA IGREJA ESCATOLÓGICA

Capítulo 8 Eternidade

Capítulo 9 Manifestando a Vontade de Deus aos principados e
potestades

Capítulo 10 Honrando a Presença

CONCLUSÃO

POSFÁCIO por Brunna Vilas Boas

Dedicatória

O meu coração é que esta obra honre ao Senhor e promova edificação na Igreja de Cristo.

Para a Igreja ONE, todo o meu esforço e lágrimas.

Aos irmãos da Editora Themelios, minha gratidão por todo o carinho que expressaram por mim. Como amantes das palavras escritas, assim como eu, vos dedico essas palavras com amor. Não parem, eu tenho grande expectativa em ver as grandiosidades que Deus irá fazer através de vocês.

De igual maneira, aos discípulos e amigos da The Good Villages os quais de maneira árdua tem se entregado para nos ajudar a construir um legado vivo para as nações, meu muito obrigado. Este livro não é apenas meu, mas nosso.

Brunna, você sempre será o amor da minha vida, a mulher que eu escolheria todos os dias para dividir a jornada nesta era. Te amo, para sempre e mais.

Para as minhas filhas Ana Julia e Maria Luiza, vos dedico minhas palavras neste projeto *“Andando com Deus”*. Sem nenhum exagero digo que não existe nada que me encha de mais esperança e vigor para escrever essas páginas do que imaginá-las sendo ministradas por estes livros em sua jornada com Cristo.

Papai ama vocês para sempre.

PREFÁCIO

Os possíveis dias de sucesso em nossas análises ministeriais não podem ser por si só a cereja do bolo. Infelizmente, tais barulhos da jornada podem nos enganar e acabamos pensando que nossas tarefas religiosas e sociais são a consumação da vida cristã. Creio que há - entre alguns outros importantes fatores - dois aspectos que devemos destacar se desejamos compreender a fundo como podemos desenvolver a caminhada cristã: a comunhão e o discipulado.

Em um tempo tão hostil e individualista, quando o assunto é a igreja local, se faz necessária uma reflexão bíblica a respeito do que é ser, de fato, um discípulo de Jesus. Precisamos tatear as bases do cristianismo e sermos sinceros com algumas perguntas que nos rodeiam: Será que temos sido genuínos seguidores de Cristo?

A comunhão e o discipulado bíblico são dois lados da mesma moeda que vão nos tornar não apenas bons cristãos, mas os únicos possíveis para o padrão que as Escrituras nos apresentam. Por muito, temos confundido comunhão eclesial com companheirismo e amizade. “Ando com tal pessoa ou frequento tal igreja e isso me basta.”, dizem alguns. Mas de onde será que veio a ideia de que apenas estar junto seria estar em plena comunhão? Penso que essa ideia vem mais de uma construção social secular do que de uma reflexão bíblica do coletivo de Deus. Comunhão, por definição, já deve exceder o aspecto social como o homem o vê.

O homem por si só é um tanto relacional, mas estar em relacionamento com alguém não significa ter um lugar comunitário de acordo com o padrão bíblico. A comunhão bíblica se baseia em algo superior, algo que é - ou deveria ser - comum no âmbito da fé aos discípulos de Cristo. Nossas confraternizações não são capazes de fazer aquilo que só o Espírito de Deus pode fazer. Podemos ter muitas coisas em comum, mas sem o Espírito de Deus avivando nossa relação com Deus e com o próximo, não passa de uma tentativa humana de se reatar com o Criador e de um coleguismo temporário com os homens. Para a genuína comunhão, precisamos de uma intervenção! O que precisamos tem um nome - é milagre! O milagre da *koinonia*. O milagre dos entranháveis afetos e o compartilhar da jornada. É a vida do Espírito lavando nosso interior - fazendo morada em nós - e lavando nossas relações, gerando comunidade. É estar junto com um povo lavado e remido na mesma missão-destino e nisso perseverarmos. É saber de onde veio e saber para onde vai. É se desvencilhar dos vícios de comportamento de um forasteiro e abraçar

o *modus operandi* da família de Deus. Permanecemos no que nos é comum, Povo de Deus!

Precisamos zelar por igrejas que vivem a vida que flui da comunidade e se arrependem da falsa harmonia do homem. Queremos o *shalom* de Deus, o único capaz de estabelecer harmonia dentro dos nossos corações e em uma sociedade, e não placebos temporários. Que nos reunamos ao redor do que realmente importa. Não de uma apresentação, ou uma programação, mas ao redor da própria Trindade. Deus é digno de se encontrar no centro da congregação. A partir disso, todas as coisas são acrescentadas.

Seguindo assim, para vivermos um aspecto plural harmonioso - o aspecto comunitário - será necessário o outro lado da moeda: o discipulado, que vem reformar nossas afeições de maneira individual e inter relacional para que tenhamos harmonia na comunhão com Cristo e Seu Corpo de maneira bem resolvida. O discipulado de Jesus não é fácil. Nem por meio da Cruz, nem por meio da Igreja. A imitação sempre foi mais árdua do que a rebeldia, pois ela afeta nosso parecer de mundo e nos leva a confiar em outros termos de vida, e os termos de uma vida crucificada não parecem tão atraentes à primeira vista. Não é só seguir a Cristo, mas segui-Lo em Seus termos.

O seguir a Cristo irá gerar em nós um inconformismo. Não é mais sobre o que eu penso e vejo, mas como devem ser todas as coisas a partir da ótica eterna. Nesse sentido, é escatológico e deve ser, pois nos leva a peregrinar no tempo presente esperando pelo vindouro. É o contraste de duas realidades, é sair da forma desse tempo para compreender a perfeita vontade de Deus. Além do mais, nos chama a sair do anonimato. Não dá para se esconder atrás das barreiras que levantamos, no esconderijo da multidão. Como bons discípulos, precisamos assumir nossa responsabilidade perante a comunidade. Somente verdadeiros seguidores de Cristo - homens e mulheres salvos que percorrem o caminho da salvação - podem se denominar discípulos e, conseqüentemente, pertencer à comunhão.

Se no aspecto comunitário não conseguimos nos apoiar em *aíós* desta era, no discipulado também não. Ainda se faz necessário nos despirmos das artimanhas humanas. Precisamos de menos *insights* e mais iluminação do Espírito, menos coleguismo e mais do milagre da comunhão. Se faz urgente o Cristo Divino nos guiando em salvação.

Oro para que você, caro leitor, seja cheio de esperança ao ler esse livro como eu fui. Que amemos mais as nossas congregações, mesmo em meio às imperfeições. E que possamos andar em família - biológica e espiritual - porque Deus é digno de receber um povo plural. Do mesmo modo, testifico que estas são palavras verdadeiras. Alessandro é um amigo íntimo de jornada e temos perseverado juntos nos termos que citei. Podemos testemunhar juntos que o sacrifício não se compara

ao privilégio. Deus fez o solitário habitar em família! Boa leitura!

David Cardoso

Pastor na Igreja ONE

Fundador do Ministério Themelios
e Editora Themelios

INTRODUÇÃO

O poder de andar em família e a compreensão desse princípio como um alicerce bem estabelecido em nossos corações, não nasce de nossos esforços humanos e de achismos pessoais. Não surge ao emprendermos força para caminharmos com pessoas diferentes de nós. Antes, o entendimento de andar em família nasce na profunda meditação e discernimento sobre quem Deus é. Verdadeiramente, a compreensão acerca da pessoa de Deus irá mudar completamente o discernimento que temos sobre o caminhar em comunidade.

Olhar para Deus e para o mistério da Trindade é o que precisamos para andarmos de maneira plena na revelação de família. Dessa forma, aqueles que desejam conhecer o Senhor irão se deparar ao longo de sua jornada, inevitavelmente, com o desejo de Deus por formar família.

Em determinado momento da minha história com o Senhor, me encontrei diante de um muro, pois a minha fome, a renovação de minha mente e minha devoção e vida com Deus não tinham mais para onde crescer ou frutificar. Meu verdadeiro sentimento era: “parece que tudo o que tenho feito não tem um propósito real”. Me sentia como alguém que se prepara para correr, mas que nunca participa de uma corrida. Me faltava algo crucial.

Hoje, olho para trás e vejo como o Espírito me liderou até o momento em que me encontro. Sou grato, pois, conforme desejei conhecer Seu coração, o Senhor mostrou a mim o Seu amor pela comunhão e pela família. O Box do qual este livro faz parte revela um pouco de minha trajetória de entendimento e descoberta no Senhor. Contudo, digo sem dúvida que o *Andar em Família* foi a revelação mais poderosa e importante da minha vida.

É possível que este livro seja o que mais enfrente resistência por parte dos leitores, já que o assunto família - ou comunidade - não atrai tantos os olhares em nossa geração. Ao falar de discipulado e do organismo que é o Corpo de Cristo, alguém poderá pensar, automaticamente, que este é apenas mais um tema que eu goste de falar. Infelizmente, é comum que, sem percebermos, afastamos a realidade comunitária bíblica do local onde ela realmente deve estar: no centro de nossa vida cristã.

Creio que, ao distanciarmos esse assunto de nossa atenção, estamos cometendo um erro terrível contra nossas igrejas. Não digo isso porque gosto da mensagem, mas porque, ao analisarmos as Escrituras, veremos juntos a ênfase de Deus em constituir um povo que esteja

com Ele onde Ele está.

A dificuldade que encontro, após longos onze anos pregando sobre este assunto todas as semanas, não é proveniente apenas de uma falta de atratividade no título da mensagem, mas, acima de tudo, da rasa compreensão de quem Deus é. Por isso, inevitavelmente, preciso sugerir que você comece a leitura desta obra seguindo a ordem de livros do *box*, começando pelo *Fome por Deus*,^[1] para, então, prosseguir em diante até chegar neste livro, o terceiro da série. Caso já tenha lido os dois primeiros, podemos continuar!

Meu sincero anseio é despertar dentro de nós um amor pela Igreja de Jesus. Que esse livro possa nos tornar apaixonados por aquilo que Deus é apaixonado. Eu fui radicalmente transformado ao experimentar o que está sendo expresso por meio dessas palavras e, da mesma forma, espero que esta mensagem te atinja enquanto falamos sobre Ele.

PARTE 1

O DESEJO DE DEUS

Certa vez, estava em uma reunião com um amigo na fé, Mike Duque, e, como de costume, ele estava ensinando sobre avivamento. Lembrome de tê-lo ouvido ensinar sobre o desuso de algumas palavras em nosso tempo, e ele disse que, devido ao excesso do uso de alguns termos, estamos “fazendo com que essas palavras se esvaziem de seu sentido e poder”.^[2] Da mesma forma, acredito que é exatamente isso que tem acontecido com a palavra “família” em nossos dias.

Podemos observar facilmente um grande investimento de satanás para relativizar os padrões bíblicos do que é família e do que Deus deseja que vivamos. Hoje, podemos ver uma banda de rock ou um grupo de amigos da faculdade, por exemplo, usando o termo família sem que realmente vivam a profundidade relacional que o termo propõe.

O pluralismo e o relativismo têm enfraquecido o nosso entendimento do que realmente é família, tornando-nos nada mais do que um clube social que oferta seu dinheiro aos domingos e não experimentam nenhum poder proveniente da vida em comunidade.

Portanto, devemos abrir os nossos olhos para a profundidade do que Deus nos propõe na vida comunitária a fim de desfrutarmos de sua plenitude. E, ao aprofundarmos o nosso entendimento, pelo Espírito, do mistério de Deus na Igreja, iremos aniquilar as outras opções relativizadas e fracas. A compreensão dos caminhos mais altos irá extinguir os rivais inferiores.

Como ensina John Stott:^[3]

Porém, devemos continuar a afirmar a imparidade e perfeição de Jesus Cristo. Pois ele é singular em sua encarnação (o único Deus homem); singular em sua expiação (somente ele morreu pelos pecados do mundo); e singular em sua ressurreição (somente ele venceu a morte). E sendo que em nenhuma outra pessoa, a não ser Jesus de Nazaré, Deus se tornou humano (em seu nascimento), carregou os nossos pecados (em sua morte) e triunfou sobre a morte (em sua ressurreição), ele é singularmente competente para salvar os pecadores. Ninguém mais tem suas qualificações. Assim, podemos falar que Alexandre, o grande, Carlos, o grande, Napoleão, o grande, mas não Jesus, o grande. Ele não é grande - Ele é Único. Não existe ninguém como ele. Ele não tem rival nem sucessor.

Sendo Jesus único, precisamos nos abrir para a compreensão de que, de igual modo, Suas obras também são inigualáveis (Sl 92:5). Deus não pode ser “compreendido” em Sua plenitude, mas Suas ações revelam quem Ele é, pois tudo o que Deus faz é em completa unidade de seu ser. Logo, sendo Cristo o Cabeça da Igreja, não podemos esperar que a Igreja seja fraca e fria. Ela deve ser como Ele é.

Entristece-me pensar que muitos de nós temos vivido uma caminhada

no Evangelho sozinhos, pois experimentamos uma realidade vazia do que é ser Igreja - família. Mas também me pergunto: como pode ser chato o que Cristo instituiu? Como pode ser pacata a realidade do Deus que tem pensamentos tão elevados? O problema está em nós e em nossa visão míope e acomodada à respeito daquilo que Deus deseja.

Sendo assim, desejo começar esta leitura com a reflexão sobre o caráter comunitário de Deus, ou talvez com a pergunta: “quem Deus é?”. Acredito que, ao mergulharmos na identidade de Deus, iremos inevitavelmente ser afirmados naquilo que devemos ser como Igreja: uma família.

CAPÍTULO 1

QUEM DEUS É?

Quem Deus é? Toda vez que penso nessa pergunta, o meu interior se estremece. Sinto o impacto de uma pergunta que não pode ser respondida em plenitude, mas pode ser experimentada em extravagância. O Deus que não pode ser definido, mas definitivamente pode ser conhecido e desvendado. É como um abismo que não tem fim, mas que me fornece um chão mais sólido do que qualquer outra rocha.

Por Deus ser tão superior, não tenho nenhuma ambição em definir quem Ele é, pois “quando Deus é objeto de qualquer estudo um observador honesto descobre mais perguntas do que respostas”.^[4] Por isso, apego-me à Sua própria definição acerca de si mesmo: “Eu sou o que Sou” (Ex 3:14), a fim de não reduzir o Senhor à uma espécie de ídolo criado pelo nosso imaginário.

No livro *Renovação de Mente*,^[5] falo sobre a necessidade que temos do Espírito Santo nos revelar quem Deus é, sem que haja qualquer possibilidade de conhecermos Ele por nós mesmos, pois, ao tentarmos agir por conta própria, iremos reduzir o Senhor àquilo que imaginamos e não alcançaremos o verdadeiro conhecimento de quem Deus é.

Nos deparamos com um Deus altíssimo, maior do que todas as coisas e fonte de tudo o que existe, mas que, ao mesmo tempo, deseja ser conhecido de maneira íntima (Jr 9:23; Os 6:6). Não podemos olhar para Ele com nossas lentes humanas. Precisamos elevar nossos pontos de referência e, a partir disso, prosseguir “em conhecer o Senhor” (Os 6:3).

“Nós imaginamos Deus sob uma perspectiva terrena, apesar de Deus não ser terreno. O que pensamos sobre quem Deus é? É Aquele que cura, que te liberta, que provê, que ama. Ele é todas essas coisas? Sim, mas muito mais. Se o céu não tem doente, preso, miserável ou carente, então é fácil perceber que os adjetivos que acabamos de citar são referente apenas à atuação divina na terra, onde há esse tipo de conflito.”^[6]

Sabemos que Deus não pode ser definido por nossas pequenas mentes. No entanto, o Espírito nos chama a conhecer Sua beleza e, assim, percebemos que “a maioria dos problemas da vida se enquadra no seu devido lugar”^[7] à medida que conhecemos o Senhor. Por ser o Senhor a fonte de nossa existência, ao conhecê-Lo temos juntamente com isso completa satisfação e resolução de nossas crises existenciais.

Deste modo, a fim de prosseguirmos no conhecimento de Deus,

recorro à resposta descrita no Catecismo de Westminster para a pergunta “Quem é Deus?”:^[8]

“Deus é um Espírito infinito, eterno e imutável em seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade, e verdade” - uma afirmação que o Grande Charles Hodge descreveu como “provavelmente a melhor definição de Deus que o homem já apresentou.”

Creio que essa definição é um fundamento seguro sobre o qual podemos construir nosso raciocínio com o intuito de chegarmos às aplicações sobre Igreja - família - que estamos procurando. Indiscutivelmente, existe uma infinita riqueza em cada uma das palavras descritas na afirmação do Credo. Porém, desejo destacar uma: **“imutável em seu ser.”**

De maneira magnífica, essa breve expressão apresenta a suficiência que Deus tem em si mesmo, sendo assim a origem e o fim de todas as coisas. Logo, todas as realidades descritas como infinitas, eternas e imutáveis repousam Nele. Como nos ensina as Escrituras, Deus é a fonte de tudo, e até mesmo o que ofertamos a Ele provém Dele: "Mas quem sou eu, e quem é o meu povo, para que pudéssemos fazer ofertas tão voluntariamente? Porque tudo vem de ti, e damos a ti do que é teu." (1Cr 29.14).

Em um primeiro momento isso pode parecer redundante, ou até mesmo óbvio, mas acredito que o entendimento de que Deus é o único ser que pode satisfazer a Deus será transformador para sua fé, principalmente se adicionarmos o mistério da Trindade^[9] em nossa equação. Assim, perceberemos que Deus tem satisfação em si mesmo, de eternidade a eternidade.

Sobre a Trindade, vejamos o que Jonathan Edwards nos ensina:^[10]

O Filho é a Deidade gerada pelo entendimento do Pai, ou tendo uma ideia de si mesmo: O Espírito Santo é a essência divina jorrando, ou soprando, em amor e deleite infinito. Ou, que é o mesmo, o Filho é a ideia do pai de si mesmo, e o Espírito é o amor e o deleite de Deus em si mesmo.

Sob esse prisma, seguindo o entendimento de Edwards, John Piper afirma:^[11]

"(...) Deus, o Pai tem uma imagem e uma ideia eterna de si mesmo que é tão plena que é outra Pessoa se apresentando - distinta como a idéia do Pai mas um em essência divina. Deus, o Pai, e Deus, o Filho, têm um gozo eterno na excelência um do outro, um gozo que carrega tão plenamente o que eles são que se manifesta em outra Pessoa, o Espírito Santo - distinto, assim como o deleite que o Pai e o Filho têm um no outro, mas um em essência divina. Nunca houve um tempo em que Deus não experimentou a si mesmo dessa maneira. As três Pessoas são co-eternas. São igualmente divinas."

Ao olharmos para a Trindade, percebemos que Deus vive a Si mesmo em uma infinita comunhão e nunca se cansará disso.^[12] Quão magnífico é pensar que Deus tem prazeres infinitos em Si mesmo. De

Sua essência e de Sua vida, fluem comunhão. Tudo o que Ele é se resume Nele e em *Sua magnífica dança, a pericorese*.^[13] Assim, ousou dizer que Deus é uma comunidade de Si mesmo - uma família.

Por favor, não passe seus olhos com pressa diante dessa afirmação. Ela é de extrema importância para tudo o que iremos discutir neste livro. Deus é uma comunidade de Si mesmo! O que significa que as ações do Senhor são provenientes desse lugar de plenitude em Si, de uma comunhão eterna. Isso quer dizer que nós, homens e mulheres criados para sermos conforme à Sua imagem e semelhança, precisamos nos encaixar não somente na *dança divina*, mas viver, junto com nossos irmãos, um reflexo da realidade familiar de Deus consigo mesmo.

A VONTADE DE DEUS

Após meditarmos juntos sobre quem Deus é, precisamos gastar tempo entendendo o que Ele quer, para que, então, possamos nos mover, sendo participantes de Sua vontade.

Acredito que poucos versículos resumem tão bem o desejo de Deus como João 17:24.

"Pai, meu desejo é que aqueles que me deste estejam comigo onde eu estiver, para que vejam a minha glória, a qual me deste, pois me amaste antes da fundação do mundo"

Não existe divergência entre aquilo que Deus é e aquilo que Ele faz. Pelo fato de ser totalmente santo, poderoso e eterno, Ele manifesta os aspectos de Sua gloriosa natureza. Sendo assim, podemos compreender, com base em João 17:24, que a natureza comunitária de Deus se revela em Sua vontade. Jesus deseja a comunhão com Seus discípulos. O trecho *"aqueles que me deste estejam comigo onde eu estiver"* nos apresenta uma prova bem significativa de que Deus anseia ter Seu povo ao redor de Sua glória para todo sempre. Orando ao Pai, Jesus, antes de ser entregue, revela Suas intenções, que também são as do Pai: um povo ao redor de Sua glória.

Obviamente, essa realidade não é vista apenas em João 17, mas permeia toda a narrativa bíblica. Certa vez, ouvi uma frase que diz o seguinte: "se a Bíblia tivesse um refrão, seria: Deus quer morar na terra, em meio ao Seu povo!". Apesar dessa afirmação ser extravagante, ela é essencialmente verdadeira.

Acredito que a vontade de Deus, ou o propósito pelo qual o Senhor criou todas as coisas, seja habitar com um povo só Dele e semelhante a Ele, para todo o sempre. Portanto, concordo com a tese de J. Scott Duvall & J. Daniel Hays, exposta no livro *God's Relational Presence* ("A Presença Relacional de Deus"):^[14]

"Nossa tese básica é que o Deus trino deseja ter um relacionamento pessoal, encontrando com seu povo e entrando em sua criação a fim de facilitar esse relacionamento. Assim, a Bíblia começa com a presença de Deus relacionando-se com seu povo no jardim (Gênesis) e termina com a presença de Deus relacionando-se com seu povo no jardim (Apocalipse)"

A realidade da presença de Deus no meio de Seu povo, como objetivo primário do coração do Senhor, não é uma surpresa nas Escrituras. Ao olharmos para a criação, vemos um Senhor “pessoalmente envolvido” em Sua obra. Percebemos em Gênesis 1 a Sua presença transcendente criando e se movendo sobre todas as coisas, como *Elohim*, criador do Universo. Da mesma forma, vemos a Sua imanência se apresentando de uma maneira íntima ao seu povo em Gênesis 2:4-7, e, neste momento, a expressão *Elohim* não é mais usada para descrevê-Lo como no verso do primeiro capítulo, mas sim *Yahweh* (javé), sendo este o nome do Deus de Israel e nosso Deus. Deste modo, Deus se apresenta de forma pessoal a ponto de formar o homem com Suas próprias mãos.^[15]

Somos acostumados a lidar com a realidade de que Deus está em todo lugar. Que não há tempo ou espaço que possa Lhe conter, o que chamamos de onipresença. Portanto, quando falamos de onipresença, significa que entendemos que Sua presença é transcendente, pois ultrapassa toda e qualquer realidade. É impossível fugir dela, como Davi escreveu no Salmo 139 *"se eu subir ao céu, lá tu estás; se fizer a minha cama nas profundezas, tu estás ali também"*.

Por outro lado, temos a imanência. Esse é o outro aspecto da presença de Deus. Ele não diverge, mas complementa. A imanência diz respeito à manifestação visível da presença de Deus. É quando, pela Sua vontade, Deus intervém de forma soberana em nossa realidade, tornando a glória de Sua presença visível ao olhar de todos, como aconteceu em Gênesis 3:8, quando o Senhor andava pelo jardim.

A presença de Deus em tudo o que criou, não apenas de modo poderoso e soberano sobre todas as coisas, mas, também, de maneira pessoal e íntima, nos revela o Seu coração desejoso por comunhão com o Seu povo. Percebemos que Deus está interessado em se manifestar e estender a realidade que vive em Si mesmo para toda a terra!

Portanto, analisando a criação do homem - conforme a passagem em Gênesis 1:26 -, percebemos que o Senhor nos criou para termos Sua imagem e semelhança, e, assim, exercer domínio sobre a criação. E esse domínio é a partir da realidade celestial do trono de Deus, em outras palavras, que estende a presença - habitação - de Deus sobre toda a realidade criada da terra. Dessa maneira, Adão e Eva foram chamados para tornar a terra um lugar de comunhão entre Deus e Seu povo.

Deus convida Adão e Eva para reproduzirem na terra o mesmo governo que estava em vigência nos céus. A terra poderia ser compreendida como uma espécie de "primeiro andar" do Céu. Em

outras palavras, a criação, através de Seu povo, seria a continuação do trono celestial. Deus sempre quis ter um povo só Dele para viver exatamente o que Ele vive assentado no Seu trono em lugares altos. No entanto, um tipo de pensamento que pode realmente nos atrapalhar a receber essa verdade é a visão errônea do trono de Deus e do céu como algo imaterial e etéreo. Por anos, a Igreja tem sido influenciada por uma mentalidade grega, que nos conduz a uma leitura figurativa de trechos cruciais das Escrituras, perdendo, assim, a literalidade de suas palavras. Quantos de nós não imaginamos um "céu" onde existem muitas nuvens e anjinhos voando por entre as nuvens? Pensamos que estaremos com roupas brancas para todo sempre, cantando algumas canções diante de Deus, que, por sua vez, também não pode ser visto, já que é "Espírito" - algo que, para nós, também virou sinônimo de imaterial. Veja o que ensina John Harrigan:^[16]

"[...] Em contraste com o conceito neoplatônico posterior de um singular, etéreo céu, as Escrituras descrevem os céus como tangíveis, substanciais e concretos. Nele, existem sons, vozes e músicas audíveis (Isa. 6:3; 2 Cor. 12:4; Ap. 4-5). Existem objetos físicos, como tronos, altares e limiares (1 Reis 22:19-23; Isa. 6:1-7; Ez. 1: 25-28; Dn. 7: 9-10). Além disso, o tempo existe nas várias regiões dos céus (Ap. 8: 1), e esse tempo geralmente coincide com o tempo na Terra (cf. 1 Reis 22:19-23; Dn. 7:9-12; Ap. 11:18-19). Os céus são, portanto, claramente dinâmicos em natureza, ao invés de estáticos, como no pensamento helenístico. Essa perspectiva leva à conclusão de que a fisicalidade vista nos céus é aproximadamente análoga (embora não equivalente) à fisicalidade conhecida na Terra."

Em outras palavras, o céu não é algo imaterial e distante. Da mesma maneira, Deus nos criou para sermos participantes de uma realidade que não é meramente "mística", mas também material. Deus, ao criar tudo o que há, fez isso para Sua glória, e para que tenhamos parte com Ele em Sua natureza. O plano de Deus sempre foi habitar com Seu povo.

Podemos facilmente perceber as Escrituras nos prometendo uma habitação futura do Senhor em meio ao Seu povo, o que Walter C. Kaiser Jr. trata como um dos pontos da palavra salvadora de Deus^[17] - a promessa de que o Senhor habitaria com seu povo.^[18] "Andarei no meio de vós e serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo" (Lv 26:11-12) é uma promessa gloriosa que circunda todas as Escrituras e precisa nos fascinar. De Gênesis a Apocalipse, o Senhor tem proclamado o Seu desejo de habitar com Seu povo.

Desde o princípio, o propósito eterno de Deus é habitar entre os homens. Vemos isso acontecendo na criação do homem e no relacionamento entre ele e Deus estabelecido no jardim. Após a queda, vemos o Senhor expressar, através do ministério de Moisés (Lv 26:11-13), o Seu desejo por um reino sacerdotal (Ex 19:6). Depois,

vemos Davi descobrindo o desejo de Deus habitar com o Seu povo (1 Cr 17:1), e fazendo disso a sina de sua vida (Sl 132:3-5). No fim da narrativa bíblica, após a restauração de todas as coisas através do reinado milenar de Jesus, vemos que o tabernáculo de Deus novamente estará entre os homens. De Gênesis a Apocalipse, em toda a história redentiva, compreendemos o desejo final de Deus: morar com o Seu povo - a Sua família.

*E ouvi uma forte voz, que vinha do trono e dizia: O tabernáculo de Deus está entre os homens, pois **habitará com eles. Eles serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles. - Apocalipse 21:3***

Concluimos que a vontade de Cristo expressa em João 17:24 não é novidade nas Escrituras. Pelo contrário, ela sempre esteve presente. Vemos no tabernáculo de Moisés, na tenda de Davi, no templo de Salomão e na primeira vinda de Cristo um vislumbre de uma manifestação plena que acontecerá na próxima era, como ensina Apocalipse 21:3. Entendemos, portanto, que Deus é uma comunidade de Si mesmo e que, por isso, deseja expandir essa mesma realidade sobre toda terra, onde habitará conosco para sempre!

Por isso, é impossível falar sobre família sem falar também sobre a Presença, tendo em vista que Deus - que é uma família - deseja estendê-la por toda terra, a fim de gerar uma comunidade de todas línguas, tribos, povos e nações congregando ao redor de quem Ele é (Ap 5:9).

A mensagem deste livro não diz respeito apenas a desfrutarmos de bons clubes de convívio que insistimos em chamar de "igreja" mas, acima de tudo, tem a ver com expandir nossas mentes para a realidade da glória de Deus no meio da Sua Igreja.

CAPÍTULO 2

A CRUZ E A FAMÍLIA DE DEUS

É magnífico pensar em um Deus que preenche os céus, mas deseja habitar com o Seu povo. A gloriosa notícia do Evangelho só poderá ser vivida em sua plenitude se tivermos em nossas mentes a compreensão de Seu desejo por nós. E ao dizer isso, me refiro ao desejo de habitar conosco para sempre.

O desejo de Deus de estar plenamente conosco é tão intenso a ponto de se entregar em uma cruz por nós, para que, por meio de Jesus, pudéssemos achar o caminho até o Pai e então sermos livres do império das trevas e vivermos uma esperança superior (1Co 15:19). Agora somos filhos de Deus e pedras vivas, sendo edificados, juntos, para habitação de Deus no Espírito (Ef 2:22).

Não podemos ousar em falar sobre Família e a presença de Deus sem que falemos da preciosa Cruz de Cristo, porque foi nela que o Filho de Deus se entregou para abrir um caminho ao Pai - não só para mim como indivíduo, mas para nós como Seu Corpo. Isso nos revela o Deus que é Emanuel: não apenas “para mim”, mas “Deus conosco” (Is 7:14; Mt 1:23)!

Precisamos olhar para a Cruz de Cristo e deixá-la atingir o nosso coração da mesma forma que atinge o coração de Deus. Como ensina Bob Sorge:

"Eu estou convencido de que não há nada que Deus sinta de forma mais apaixonada do que a cruz de Seu Filho. Nunca antes - ou depois - algo dilacerou o Seu coração de forma tão profunda. Deus assistiu a Jesus suportar um horror inimaginável, mas, mais do que isso, Deus sofreu com Jesus. E Ele jamais se esquecerá disso."^[19]

Sendo, portanto, a cruz tal momento único na história redentiva de Deus, bem-aventurados somos nós ao fazermos as pazes com a Cruz e seu significado - morte e ressurreição, pois Deus, desejoso de um povo só Dele, nos enviou o Seu filho para nos justificar de nossos pecados e nos tornarmos Sua família por meio da Cruz. Por esta razão, a cruz é o fundamento sobre o qual devemos apoiar nossas comunidades, e, sem ela, é impossível vivermos família.

A cruz precisa ter uma aplicação individual, a qual me torna filho de Deus e, pela renovação de mente, desfruto dos poderes da nova natureza, mas, também, deve ter uma aplicação coletiva, na qual que me torno participante de um corpo. Ou seja, a obra do Calvário tem aplicações individuais e coletivas^[20] e, com isso, precisamos nos impregnar da mensagem gloriosa da cruz.

“A igreja não é algo abstrato e impessoal fluando no espaço. Pelo contrário, é composta por indivíduos que confiaram em Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador. A saúde da igreja é diretamente proporcional à saúde de cada indivíduo cristão”. Deste modo, precisamos amadurecer como indivíduos a fim de termos a comunidade que desejamos, “e o caminho para isso é viver a vida crucificada”.

A vida crucificada como “uma vida absolutamente dedicada a seguir Cristo Jesus” é imprescindível para vivermos o desejo familiar de Deus para Seu povo. Portanto, “[a] entrada na verdadeira comunhão está condicionada à nossa apropriação do significado do sofrimento de Jesus até a morte na cruz do calvário.”^[22]

É impossível formar uma família sem a cruz. Na cruz não há espaço para comparações ministeriais. A quantidade de seguidores que você tem nas redes sociais não importa diante do madeiro. Quantos anos você tem de igreja, ou ministério, não faz sentido perante o maior de todos os sacrifícios. Na família de cruz, o que realmente importa é Cristo!

Devemos não apenas receber a cruz em nosso intelecto e estudar as nuances da obra salvífica de Cristo, mas também absorver verdadeiramente o seu padecer. Carecemos em nosso meio de uma cultura que abraça a morte do “eu”, na qual a cruz nos lidera a lugares gloriosos de uma Igreja que experimenta a ressurreição!

Se entendêssemos a glória da preciosa cruz! O Filho de Deus pendurado no madeiro foi a expressão mais completa do coração do Pai já vista na história da humanidade. Se pudéssemos ao menos triscar nossas mãos na profundidade da revelação da cruz. Se nossas igrejas fossem famílias geradas na cruz, talvez teríamos não só resultados, mas frutos. Não só números, mas corações. Não só status, mas testemunhas dispostas a se entregar a si mesmo por causa da mensagem da cruz, mesmo até a morte.

Saberemos que verdadeiramente temos uma Igreja que partilha dos sentimentos profundos de Deus por comunhão quando partilharmos igualmente o sentimento que havia em Cristo enquanto caminhava em direção à cruz. Precisamos olhar para o nosso Redentor, “[...]o qual, por causa da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da vergonha que sofreu, e está assentado à direita do trono de Deus.” (Hb 12:2). Contemplando o sofrimento até a morte de Cristo como um privilégio que anuncia a glória superior da presença de Deus em meio ao seu povo.

Assim como entendemos no começo deste livro que o Senhor deseja estar com Seu povo, percebemos também que foi pela Cruz que Seu filho se revelou. Logo, a cruz - o sofrimento - não tem um fim em si mesma, mas é um bilhete de esperança e um caminho vivo até a glória futura. Por isso, Cristo nos envia a fazer o mesmo que Ele fez:

abraçarmos a nossa cruz.

Perceba que a Cruz não é somente a maneira prática de vivermos Igreja, mas a cruz é o firme fundamento no qual somos transformados em filhos de Deus. Na cruz, Cristo morreu a morte que eu merecia, e ressuscitou a vida que eu não merecia. E é por essa cruz que tenho acesso à preciosa vida eterna. Pela bendita cruz, somos família de Deus (Ef 2:19)!

Pela obra da cruz, o Filho ora: "para que todos sejam um; assim como tu, ó Pai, em mim e eu em ti, que também eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17:21). Jesus ora para que tenhamos parte, ou acesso, à comunhão eterna que Deus vive com o Seu Filho.

Depois de onze anos pregando os mesmos versos, ainda me encontro com lágrimas nos olhos ao escrever estas páginas, pois Cristo, pela cruz, nos chama a dançar com a Trindade. Ele nos encaixa na comunhão eterna de Deus consigo mesmo. Em outras palavras, foi por Cristo encarnar e morrer que podemos ser adotados pelo Espírito de Deus, e sendo filhos amados, ouvimos as palavras doces do evangelho de João, "a fim de que o mundo reconheça que tu me enviaste e os amaste, assim como me amaste." (Jo 17:23).

Deus nos amou como amou Jesus, e por isso o Filho encarnou para que nós pudéssemos viver o que Deus sempre desejou: uma comunhão eterna em Sua presença. Por isso, Jesus diz: "Pai, meu desejo é que aqueles que me deste estejam comigo onde eu estiver, para que vejam a minha glória [...]" (Jo 17:24).

Em minha opinião, poucos textos bíblicos representam de maneira tão profunda o coração de Deus pela humanidade como João 17. Um convite tão glorioso quanto a oração de Jesus, intercedendo para que seus *filhos*, os seus discípulos, se tornem participantes da comunhão ardente da Trindade nunca passará despercebido por mim. Acredito que é no versículo 21 deste capítulo que Cristo manifesta o porquê de tudo o que fez: **"para que sejam um."**

Como Cristo está no Pai, como o Pai está em Cristo, pelo Espírito; assim nós somos Seus filhos, Sua casa. Somos a Igreja do Cordeiro, a Esposa do Filho, o Corpo do Amado. Ganhamos lugar *junto* com a Trindade, com acesso ao Pai, ao filho e ao Espírito. Somos um!

Portanto, toda a *teologia da Presença* que estudamos anteriormente foi manifestada pela boca do próprio Cristo nessa oração. Deus anunciou a Sua vontade, e ela se parece com uma família. E não só entendemos que temos uma esperança futura a ser consumada - já que sabemos que seremos plenamente unidos em Cristo na sua segunda vinda (1 Jo 3:2; Rm 8:23) -, mas compreendemos que, no Espírito, fomos feitos filhos de Deus e, portanto, podemos viver, agora, vislumbres gloriosos dessa comunhão.

Assim, a encarnação e crucificação de Cristo são a maior expressão de amor de Deus já manifestas, pois foi na obra consumada da Cruz que fomos feitos livres do nosso pecado, adotados como filhos e unidos à família de Deus - a saber, a Sua eterna comunhão consigo mesmo! Por isso, a cruz do Filho é o modo como o Pai nos ligou a Ele, nos fazendo Seu povo. Mas não é só isso: a cruz também deve ser o *Modus operandi* da Igreja, pois é por meio da identificação com o sofrimento de Cristo que experimentamos da glória futura, hoje, em nossas comunidades locais.

Instituição falida ou Igreja gloriosa?

Em minha adolescência, pouco tempo depois de minha conversão, recordo-me de passar por algumas 'crises' a respeito da Igreja do Senhor. Lembro, inclusive, de uma conversa que tive com um amigo da escola que estava fraco em sua caminhada no Senhor. Quando começamos a falar sobre Jesus, tanto ele quanto eu nos identificamos com o Evangelho, ou melhor, pelo que pensávamos do Evangelho. Mas, quando adicionávamos a Igreja na conversa, frases como “a igreja é uma instituição falida” saíam de nossas bocas.

A verdade é que eu, de fato, assim como muitos, não via nenhuma virtude fluindo da comunidade onde eu estava inserido. O máximo que eu experimentava eram bons cultos, boas músicas de adoração e momentos intensos de oração. No entanto, quando o culto acabava, a “igreja” deixava de existir e a comunhão entre os irmãos se anulava até o próximo domingo. Confesso que, durante alguns anos, a sentença de que a igreja seria uma instituição falida perseguiu meus pensamentos.

Graças ao Espírito Santo, nunca quis me afastar da Igreja, mas, ao mesmo tempo, eu não via a sua importância como vital na vida de um cristão. Honestamente, acreditava que o quarto de oração era a única coisa que precisávamos e a Igreja era uma espécie de reunião onde nos encontrávamos para honrá-Lo juntos, como uma espécie de grupo para pessoas que amam a mesma coisa. Como um grupo de xadrez, ou um grupo de pessoas que costumam jogar futebol juntos todas as semanas. Não necessariamente esses grupos precisam ter afinidade ou um relacionamento de amizade profunda, basta jogarem futebol, ou outras coisas que os agrada e depois cada um segue sua vida individualista.

Essa era a imagem que eu tinha sobre a Igreja. Talvez você que esteja lendo este livro pense a mesma coisa. Ou talvez você passe a se identificar se mudarmos a expressão clube social por “balada gospel”, ou por um show de luzes que assiste toda semana. Eu sei, são palavras duras de ler, talvez eu pareça agressivo e amargo, mas Deus sabe que esse não é meu coração.

No entanto, não consigo me calar, e na verdade não devo me calar,

pois a glória da Igreja está sendo substituída por uma reunião semanal onde lemos a Bíblia e cantamos músicas juntos. Agora, seja sincero com você mesmo e me responda: essa “igreja” não é vazia de propósito? Ela não é, de fato, uma instituição falida?

Querido amigo, eu acredito que sim. A “igreja” que incentiva o cristianismo apenas aos domingos, o discipulado que visa apenas ganhar mais um “membro” para a lista de dizimistas da igreja, o “grupo caseiro” que tem olhos apenas no multiplicar, sem ao menos gerar verdadeiros discípulos para Cristo. Sinceramente, acredito que temos percebido que não iremos chegar muito longe nesse padrão.

Os números de divórcios dentro da igreja só aumentam. Cada dia que passa, temos mais pastores cometendo o pecado do adultério, relacionados à escândalos sexuais, financeiros e até mesmo coniventes ao uso de drogas dentro das igrejas. Acredito que devemos reconhecer: essa não é a Igreja bíblica.

Minha intenção não é gerar em você uma espécie de repúdio pela Igreja de Jesus, ou algum tipo de rebeldia que te faz fechar esse livro e sair proferindo palavras de ofensa aos pastores de igrejas que se encaixam no molde que apresentamos acima. Não! Minha proposta é abrir seus olhos para os erros que temos cometido, e, principalmente, ferir seu coração de amor pela Igreja.

Não podemos rejeitar a quantidade de vezes que o Senhor nos tocou em igrejas falhas, com pessoas falhas e ensinos falhos. Sim, o Senhor se moveu misericordiosamente nesses lugares. Nós não podemos olhar para trás e simplesmente cancelar o que o Senhor já fez, apesar de Seu povo limitado. Da mesma maneira, eu não julgo todos os irmãos pastores que vieram antes de mim e talvez levantaram igrejas que se encaixam nas características que apresentamos acima. Não os julgo, pois sei que muitos erraram por não saberem fazer o certo.

Entretanto, em meu coração queima a urgência de trazermos de volta os padrões bíblicos do que é uma Igreja de acordo com as Escrituras. Creio que precisamos urgentemente rever os fundamentos sobre os quais estamos construindo a Igreja, para que, então, nos tornemos o povo glorioso de Jesus.

Lembro da seguinte situação: eu já era mais maduro na fé, morando em São Paulo e liderando um grupo de jovens universitários, quando o Espírito começou a falar comigo sobre o tema família. Foi em João 17 que Deus mudou minha mente a respeito do tema família, e, conseqüentemente, do tema Igreja. Possuo, gravados em minha memória, dias nos quais chorei por horas pela Igreja e pelo seu amadurecimento.

Hoje, sou pastor e um dos fundadores da Igreja ONE. Temos 3 comunidades no Sudeste do Brasil e uma igreja em processo de plantação em Imperatriz-MA. Além disso, eu e minha família nos

mudamos, em janeiro de 2022, para Londres para plantarmos uma igreja no Reino Unido. Para mim, não existe nada que substitua a Igreja. Eu creio que o Senhor deseja levantar um grande movimento mundial que entenderá o real poder de comunidades familiares, e, para que isso ocorra, precisamos ir mais fundo na compreensão do que é uma igreja.

CAPÍTULO 3

IGREJA COMO FAMÍLIA

Sabemos que não existe outra maneira de descobrirmos o que é a Igreja e o propósito de sua existência sem que antes olhemos para Deus. Contudo, já fizemos esse exercício juntos e concluímos que Deus é uma comunidade de si mesmo que deseja habitar com um povo semelhante a Ele para todo sempre.

Ao olharmos para o Senhor, percebemos um Deus desejoso de comunhão profunda, um Senhor amoroso que, ao longo da história, tem gerado um povo só Seu, sobre o qual Ele possa repousar a Sua presença para sempre. Não podemos olhar para a Igreja meramente como uma organização humana^[23] ou como um clube de domingo. O próprio Deus a fundou, em Cristo. Isso nos leva a entender que a Igreja deve ser, primeiramente, uma extensão do caráter divino.

Para chegarmos juntos a uma definição saudável do que é a Igreja, iremos separar nossa conversa em dois pontos, a fim de sermos mais didáticos: natureza e propósito da Igreja.

A NATUREZA DA IGREJA

Se voltarmos para Gênesis, notaremos claramente o coração familiar de Deus como a origem de toda a história redentiva. Após a queda do homem, Deus promete uma semente que pisaria na cabeça da serpente e, enfim, derrotaria a podridão do pecado (Gn 3:15): o Messias. Da mesma maneira, o Senhor revela a Noé o desejo de habitar no meio de Seu povo (Gn 9:25-27) e, por fim, após a dispersão de Babel, Deus manifesta seu desejo por todas as famílias da terra (Gn 12:1-3).

Fica evidente, ao olharmos por meio dessa perspectiva, que a ideia de família de Deus não é algo que surgiu no novo testamento. Pelo contrário: se seguirmos a linha de ensinamento dos apóstolos, chegaremos aos profetas e patriarcas e, por fim, perceberemos o projeto do Pai, que é formar um "povo de [Sua] propriedade exclusiva" (1Pe 2:9).

Como já observamos algumas vezes neste livro, se voltarmos para os primeiros capítulos de Gênesis, podemos facilmente ver a Presença objetiva - imanente - em Sua criação, manifestando Sua intenção íntima em ser parte de Sua obra. Ao desejar ser parte de Sua própria criação, Deus não se rebaixa, apenas manifesta Seu amor e afeição pelo Seu povo. No entanto, gastaremos um pouco mais de tempo analisando Gênesis 12, com o intuito de caminharmos para o

entendimento da natureza da Igreja.

*E o Senhor disse a Abrão: Sai da tua terra, do meio dos teus parentes e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E farei de ti uma grande nação, te abençoarei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei quem te amaldiçoar; e todas as famílias da terra serão abençoadas por meio de ti. **Gênesis 12:1-3***

Mesmo após a queda, percebemos a *bênção divina* de multiplicação se concretizando (Gn 11:10-32), a ponto de encher a terra com cerca de setenta nações (Gn 10:1-32). No entanto, o coração do homem estava distante de Deus e de Seus propósitos. Assim, o Senhor os dispersou em Babel, confundiu suas línguas e os enfraqueceu (Gn 11:7-9).

Porém, o Senhor, ainda desejoso de um povo para Sua presença, chama uma família. A família de Abrão foi escolhida para carregar a promessa do desejo de Deus. Deste modo, entender o chamado da família de Abrão - que se tornaria futuramente a nação escolhida por Deus, Israel - é crucial para compreender a natureza da Igreja, já que, em Gênesis 12:1, Deus separa uma família, a fim de levantar uma nação - Israel - para que, assim, a promessa da Presença pudesse ser estendida a todas as **famílias da terra**.^[24] Então, se achamos que o desejo de Deus por um povo é um plano do novo testamento, estamos errados.

Dessa forma, compreendemos que, através da eleição de Israel, a bênção e o desejo de Deus por um povo se estenderam até nós. Mas o Senhor não apenas levantou um povo. Na verdade, Ele constituiu um povo por meio de uma família - a família de Abraão. Creio que precisamos enfatizar o que as Escrituras enfatizam, e, sem dúvida, o caráter familiar do povo de Deus é um de seus temas centrais.

Se queremos ter um verdadeiro entendimento da Igreja, no qual Jesus é O cabeça e pedra angular, precisamos entender o plano completo de Deus. Ao fazermos isso, os ensinamentos de Paulo passam a ganhar total sentido e os nossos olhos são abertos. Para isso, passearemos pelo livro de Efésios juntos, com esperança de que nossa compreensão a respeito da Igreja seja expandida.

EFÉSIOS 1

Efésios 1, basicamente, é uma apresentação de Paulo acerca da redenção que Cristo nos proporcionou em Sua obra, na qual ensina, com maestria, a respeito das bênçãos espirituais que recebemos em Cristo. Passando por isso, Paulo, no versículo 15, compartilha a sua alegria em ouvir da fé que há entre os irmãos de Éfeso, e termina orando para que os fiéis a quem a carta era destinada fossem cheios de sabedoria e revelação (Ef 1:15-23) para conhecerem Deus. Vejamos:

Por isso também eu, tendo ouvido falar da fé no Senhor Jesus que há entre vós, e do

vosso amor para com todos os santos, não cesso de dar graças por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê o espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele, sendo iluminados os olhos do vosso coração, para que saibais qual é a esperança do chamado que ele vos fez, quais são as riquezas da glória da sua herança nos santos e qual é a suprema grandeza do seu poder para conosco, os que cremos, segundo a atuação da força do seu poder, que atuou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar-se à sua direita nos céus, muito acima de todo principado, autoridade, poder, domínio, e de todo nome que possa ser pronunciado, não só nesta era, mas também na vindoura. Também sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés, para que seja cabeça sobre todas as coisas, e o deu à igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que preenche tudo em todas as coisas.

Ao serem "*iluminados os olhos*" do nosso coração, Paulo ora para que possamos saber "*a esperança do nosso chamamento*", a fim de que conheçamos também a eficácia do poder de Deus, pelo qual Cristo foi ressuscitado e colocado à direita de Deus. E não apenas se assenta à direita de Deus, mas é elevado sobre tudo e todos.

Entendemos, assim, que a Igreja é o Corpo de Cristo, e por isso também recebeu autoridade sobre os principados e potestades, tornando-se a manifestação de Cristo nesta era caída. A Igreja, o corpo de Cristo, é a "plenitude daquele que a tudo enche". Ela é bem mais do que só uma reunião ou organização humana. A Igreja é a expressão de Cristo no tempo atual, a imagem de um Jesus temporariamente invisível, da mesma maneira como o Filho era a imagem de um Deus invisível, já que ninguém pode ver a Deus.

Essa verdade precisa mudar completamente a nossa expectativa ao congregarmos e fazermos parte de uma igreja local. A Igreja não é algo monótono e sem vida. Pelo contrário, sua essência é vida e poder que fluem diretamente de Cristo. Te convido a analisar agora mesmo a sua vida e suas expectativas, olhe para o interior de si mesmo e para a sua igreja local. Vocês são uma expressão de Cristo?

Essa pergunta precisa nos compungir inteiramente, pois Jesus Cristo é uma comunidade com o Pai, e Sua cruz e sofrimento nos deram acesso a essa mesma realidade no Espírito. Será que realmente vivemos a realidade comunitária da Trindade? Indo além, será que realmente experimentamos da autoridade descrita em Efésios 1:21-23, na qual a Igreja é poderosa para combater principados e potestades e se levantar contra os padrões da era caída?

O poder da Igreja e seu papel nos últimos dias é, certamente, um dos principais motivos que me motivaram a escrever este livro. Creio que precisamos ser batizados na compreensão da natureza gloriosa da Igreja de Cristo a fim de manifestarmos a Sua luz e poder de maneira autêntica em nossos dias, e não apenas como cristãos domingueiros amedrontados com o mundo ao redor de nós. Iremos retomar nesse tópico mais à frente.

Até aqui, compreendemos que a Igreja é poderosa em sua natureza, sendo Corpo de Cristo e expressão de Sua vontade na terra. No

entanto, quando dizemos “Corpo de Cristo”, o que isso significa? Sem dúvidas, uma das coisas que mais amo nos ensinamentos de Paulo é a sua capacidade de construir um argumento. Bem, para respondermos a tal pergunta, basta continuarmos lendo Efésios.

EFÉSIOS 2

Ele vos deu vida, estando vós mortos nas vossas transgressões e pecados, nos quais andastes no passado, no caminho deste mundo, segundo o príncipe do poderio do ar, do espírito que agora age nos filhos da desobediência; entre os quais também antes andávamos seguindo os desejos carnavais, fazendo a vontade da carne e da mente; e éramos por natureza filhos da ira, assim como os demais. Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo imenso amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossos pecados, deu-nos vida juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e com ele nos fez assentar nas regiões celestiais em Cristo Jesus; para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, pela sua bondade para conosco em Cristo Jesus. Porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se orgulhe. Pois somos feitos por ele, criados em Cristo Jesus para as boas obras, previamente preparadas por Deus para que andássemos nelas. Efésios 2:1-10

Paulo começa ensinando sobre o quanto estávamos distantes do Senhor, *"Ele vos deu vida, estando vós mortos nas vossas transgressões e pecados,"* e, ao fazer isso, ele não só nos lembra de quem éramos, mas também nos direciona para o real propósito para o qual fomos criados, *"Pois somos feitos por ele, criados em Cristo Jesus para as boas obras, previamente preparadas por Deus para que andássemos nelas."*

Portanto, ao dizer que fomos criados para boas obras, Paulo concorda com Gênesis 12, engajando os gentios de Éfeso nos planos de redenção de Deus. Além disso, eles nos lembra nos versos 11 e 12 de Efésios 2 de que **"vós, gentios por natureza, chamados incircuncisão pelos que se chamam circuncisão, feita pela mão de homens, estáveis naquele tempo sem Cristo, separados da comunidade de Israel, estranhos às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo"**.

O apóstolo é enfático em dizer que Cristo veio dos judeus e, portanto, antes os gentios estavam desgarrados de Deus e Suas promessas. No entanto, Paulo não ensina estas coisas a fim de provocar algum tipo de competição ou rejeição de alguma parte para outra. Pelo contrário! Vejamos os versos a seguir:

*Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que antes **estáveis longe, viestes para perto pelo sangue de Cristo**, pois ele é a **nossa paz**. De ambos os povos fez um só e, derrubando a parede de separação, em seu corpo desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos contidos em ordenanças, para em si mesmo criar dos dois um novo homem, fazendo assim a paz, e **pela cruz reconciliar ambos com Deus em um só corpo, tendo por ela destruído a inimizade. Efésios 2:13-16** (grifo do autor)*

Claramente, Paulo está anunciando a **paz**, a qual, por meio de Cristo e de Seu sacrifício, estendeu graça aos gentios, unindo-os às promessas que antes eram apenas para os Judeus. Portanto, Jesus, pelo Seu sangue, nos fez um. Um novo homem, um novo corpo - a saber, **o corpo de Cristo**. Assim, o mistério de Cristo se manifesta em nós pelo Espírito "isto é, que os gentios são coerdeiros, membros do mesmo corpo^[25] e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho" (Ef 3:6).

Esse mesmo mistério é anunciado por Paulo em Colossenses, "o mistério que esteve oculto durante séculos e gerações; mas que agora foi manifesto aos seus santos; a quem Deus, entre os gentios, quis dar a conhecer as riquezas da glória deste mistério, a saber, Cristo em vós, a esperança da glória." (Cl 1:26-27).

Tanto no texto de Efésios quanto em Colossenses, Paulo está falando a respeito do mesmo mistério. Como explica Katz, "no passado, os judeus que criam no Messias estavam nessa fé e vida, e agora gentios foram trazidos também para essa mesma realidade. E isso não é um chamado cultural para uma espécie de "judaização" dos gentios, mas para a vida de Deus no Messias, na qual judeus messiânicos e gentios são unidos, feitos um novo homem."^[26]

Logo, o Corpo de Cristo consiste em judeus e gentios, os quais, pela fé em Cristo Jesus e em Sua obra, são unidos pelo Espírito, formando, assim, um novo homem: a Igreja. Por ser um mistério, precisamos recebê-lo por revelação do alto (Ef 1:16,17), e não por meio da percepção humana. Assim como os apóstolos e profetas (Ef 3:5), se queremos imitá-los e sermos uma igreja apostólica e profética, a qual é dotada de poder e autoridade, precisamos desvendar esse mistério de maneira espiritual.

E é sobre o fundamento dos apóstolos e profetas que esse mistério é recebido na Igreja de Cristo. Como nos ensina Paulo:

Assim, não sois mais estrangeiros, nem imigrantes; pelo contrário, sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal pedra de esquina. Nele, o edifício inteiro, bem ajustado, cresce para ser templo santo no Senhor, no qual também vós, juntos, sois edificados para morada de Deus no Espírito.
Efésios 2:19-22 (grifo do autor)

Concluimos que nós, os gentios, não somos mais excluídos da comunhão com Deus. Pelo contrário, fomos atraídos pelo Filho de Deus e agora somos de Sua Família, a qual é edificada sobre a pedra angular, Cristo e Seu sacrifício. Recebemos esse mistério e o vivemos pelos fundamentos apostólicos e proféticos, caminhando para nos tornarmos, no Espírito, uma habitação de Deus.

Diante disso, a Igreja, em sua natureza, é uma **família** (Ef 2:19), dotada de autoridade vinda de Deus (Ef 1:22-23), **sendo o Corpo de**

Cristo - formada por judeus e gentios que creem em Cristo e Seu sacrifício -, o qual é edificado para ser **morada de Deus** no Espírito (Ef 2:22).

O PROPÓSITO DA IGREJA

Algo que tenho repetido bastante em trechos anteriores é a necessidade de entendermos a Igreja a partir de uma perspectiva espiritual, ou seja, por meio da iluminação do Espírito Santo. Acredito firmemente que Paulo foi intencional em começar a carta aos Efésios orando por “sabedoria e revelação”, pois é impossível que nós acessemos de maneira concreta essas verdades sem que haja uma intervenção do alto. Por isso, estou sendo enfático em te encorajar, meu amigo leitor, a receber tais verdades em seu interior, muito mais do que apenas em seu intelecto.

Juntos, construímos uma linha saudável que nos ajuda a entender qual é a natureza da Igreja de Jesus, que definimos anteriormente como sendo a família de Deus. Este é o fundamento necessário para refletirmos a respeito de seu propósito.

Obviamente, em primeiro lugar, quando queremos falar de propósito, precisamos falar da glória de Deus, já que a resposta mais direta e bíblica para isso, certamente, é dizer que tudo o que existe tem como objetivo glorificar a Majestade assentada no trono. No entanto, desejo ser mais específico a fim de encontrarmos ações práticas para nossas vidas e comunidades.

Analisarmos o destino ou propósito das coisas nos fará ter clareza de nossos processos. É isso o que as Escrituras nos ensinam quando diz “onde não há profecia, o povo se corrompe [...]” (Pv 29:18). Porque a profecia é um anúncio sólido do destino para onde estamos indo. Assim, o começo, ou natureza, nos ajuda a decifrar o destino.

Ambas as coisas são importantes. Quem somos - natureza - é o nosso referencial, o que nos firma, mas o destino - propósito - é o que nos dá razão e motivo, é o que nos alinha em nossa caminhada presente, a fim de acertarmos o alvo. Dessa maneira, não podemos apenas executar algo sem precisão e clareza da parte de Deus, como “desferindo golpes no ar.” Sendo assim, entendermos a natureza e propósito da Igreja tem total aplicação em nosso presente como Igreja.

EFÉSIOS 3

Para chegarmos em uma definição mais apurada do propósito da Igreja, acredito que devemos continuar nossa leitura de Efésios, agora

pelo capítulo 3. Paulo começa o primeiro verso de Efésios 3 declarando seu amor aos gentios, pelos quais se fez prisioneiro de Cristo a fim de alcançá-los. O mistério de Deus que estava oculto é novamente mencionado. Vejamos:

Por esta razão eu, Paulo, sou prisioneiro de Cristo Jesus por amor de vós, gentios. Se é que sabeis da dispensação da graça de Deus, que me foi concedida em vosso favor; e como por revelação me foi manifestado o mistério, conforme vos escrevi acima em poucas palavras, de forma que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo. Esse é o mistério que em outras gerações não foi manifestado aos homens, da forma como se revelou agora no Espírito aos seus santos apóstolos e profetas, isto é, que os gentios são coerdeiros, membros do mesmo corpo e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho. Fui feito ministro desse evangelho, segundo o dom da graça de Deus, que me foi concedida conforme a atuação do seu poder. A mim, o menor entre todos os santos, foi concedida a graça de anunciar aos gentios as riquezas insondáveis de Cristo e de mostrar a todos qual é a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou, para que agora a multiforme sabedoria de Deus seja manifestada, por meio da igreja, aos principados e potestades nas regiões celestiais, segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor, no qual temos ousadia e acesso a Deus com confiança, pela fé que nele temos. Portanto, peço-vos que não vos desanimeis por causa das minhas tribulações
Efésios 3:1-13

Paulo explica seu chamado e amor pelo Evangelho, e logo após, em minha opinião, ele nos dá a melhor definição de propósito da Igreja nesta era que podemos ter:

"[...] para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais [...]."

Paulo escancara diante de nós o propósito da Igreja: ser o meio pelo qual Deus manifesta a Sua vontade! Perceba o caminho que temos traçado até aqui: *descobrimos* quem Deus é, qual é a Sua vontade e o que a Igreja é. Agora, quando digo para você que a Igreja é o meio pelo qual Deus manifesta Sua vontade nesta era, tudo se encaixa.

Entendemos que Deus deseja habitar com Seu povo e ter toda a sua glória manifesta em toda a terra. Ele escolhe para si um povo Seu e, por Cristo, salva e chama esses indivíduos para serem Família de Deus - para que, por meio dela, a Sua vontade seja manifesta diante dos principados e potestades desta era. Assim, Deus tem um povo agora, que não vive de acordo com os padrões e preceitos caídos, mas é ardentemente inconformado e vive esperando pela cidade que vem do alto.

O propósito maior da Igreja não é "converter" o máximo de pessoas possível e nem acabar com a pobreza e ter templos grandes, ou tampouco se resume em ter políticos que a representem. A Igreja tem como propósito, primeiramente, manifestar a vontade eterna de Deus em estar com o Seu povo.

Obviamente, devemos fazer obras sociais, discipular, cuidar de pessoas. Todas essas coisas serão feitas como um reflexo da natureza divina fluindo na Igreja, e se não temos estas obras em nossas

comunidades talvez não tenhamos o DNA da Igreja de Cristo. Contudo, como Cristo disse a Judas, “os pobres estarão sempre convosco” (Jo 12:8). Precisamos lembrar que o propósito da Igreja nesta era é anunciar, esperar e preparar um lugar para a presença eterna de Deus, enquanto alivia as mazelas do povo, desta maneira, a Igreja deve ser um vislumbre glorioso do que viveremos eternamente. Perceba que, por ser um vislumbre, devemos ser integrais - de fato! Precisamos nos interessar pelas dores sociais de nossa nação e pelas dores emocionais de nossos irmãos, o anseio pela glória futura deve trazer a nós uma compaixão com as dores presentes. Entretanto, queridos, não é resolvendo problemas que teremos a Igreja gloriosa, mas, sim, atraindo a Presença. É assim que teremos nossos problemas solucionados. Portanto, a vontade de Deus - Sua habitação entre nós - vem em primeiro lugar!

O destino da Igreja é habitar com Ele para todo sempre. E, se esse é o destino, nosso processo diário deve ser transformado por essa realidade. Se somos família de Deus com o propósito de habitar-mos com Ele, nossas prioridades precisam ser moldadas por isso. Em outras palavras, como a Bíblia nos ensina, "a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém!" (Ef 3:21)

Nossas comunidades devem ser lugares que priorizam a manifestação da glória de Deus. Em nosso tempo, e em todas as gerações, devemos nos esforçar para sermos morada de Deus pelo Espírito (Ef 2:22). Isso significa sermos um lugar onde Deus habita, em que o Seu caráter é comunicado, suas afeições são sentidas e tudo o que somos O pertence.

Querido amigo, ao entendermos isso, percebemos que a Igreja é gloriosa! Apesar de ser formada por homens e mulheres frágeis, ela é, em Cristo, gloriosa e um anúncio do que virá, uma sombra da glória superior. Ao contemplarmos tal verdade, passamos a não desejar apenas participar de cultos ou ter bons momentos de entretenimento. Se a Igreja é o meio de Deus, eu quero estar nela e pertencer a ela. Deste modo serei parte do que Deus está fazendo. Sendo a Igreja família de Deus, edificada com pedras vivas para ser morada de Deus no Espírito, percebo que isso precisa possuir toda a minha vida e não apenas um dia da semana.

Assim como Moisés ensinou o povo de Israel a andar em santidade (já que Deus estaria com eles enquanto a arca da aliança fosse guardada no tabernáculo), do mesmo modo, a Igreja deve ser uma realidade que toma a minha vida, pois a presença está no centro dela!

Portanto, Igreja é o que fazemos quando o culto de domingo acaba. Ela se parece com famílias reunidas em torno do testemunho de Cristo, crescendo em Seu caráter e esperando a Sua

manifestação.

A Igreja é uma família (Ef 2:19-20) dotada de autoridade vinda de Deus (Ef 1:22-23), e é por meio dela que o Senhor manifesta a Sua vontade na terra (Ef 3:10-11). Portanto, ao homem não foi dada autoridade e nem o direito de fazer a vontade de Deus fora da Igreja, nem tampouco estabelecer outro fundamento (1 Co 3:11). Somos participantes da obra de Deus, edificando a Igreja em fundamentos apostólicos e proféticos (Ef 2:20) e apresentando para Deus uma Igreja Gloriosa (Ef 5:27). Deste modo, somos participantes de Sua obra e gloriosa comunhão.

Gostaria de terminar essa reflexão orando. Na verdade, te convido a meditar comigo em cima da oração de um homem que amou a Igreja com tudo o que tinha, oremos:

Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai, de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra, para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus.

Ora, Àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém.

PARTE 2

IGREJA LOCAL E O MILAGRE DA COMUNHÃO

É maravilhoso termos os nossos olhos iluminados com a beleza do plano de Deus e seu desejo por um povo só Dele, mas é igualmente maravilhoso saber que esse propósito eterno do Senhor tem um lugar de repouso, prático e presente em nossa vida agora. As nossas igrejas locais e a vida que vivemos com nossos irmãos apontam diretamente ao entendimento do plano total de Deus. Por isso, de maneira enfática, repito ao longo deste livro a importância de aplicarmos aquilo que aprendemos de Deus em nossa vida de comunidade com nossos irmãos.

A profundidade da vida local da igreja e comunhão com meus irmãos é tão magnífica que somente o Espírito poderia gerar em nós, mas ao mesmo tempo é verdadeiramente acessível e palpável. Nas próximas páginas meu desejo é crescermos juntos na compreensão das Escrituras, e também de maneira prática pelas coisas que tenho aprendido ao longo de minha caminhada com o Senhor.

Para acessarmos a realidade de comunidade que estamos desejando, é necessário e inevitável que passemos por confrontos individuais, sondemos nossos corações e revejamos nossas intenções. Creio que Deus deseja fazer grandes coisas ao Seu povo, mas jamais fará algo em meio à um povo que não O ama e de todo coração e deseja segui-Lo. Desta maneira, conforme olhamos para o plano de Deus ao seu povo nos deparamos também com a necessidade de profundas auto análises e mudanças que precisam começar em nós. O andar na luz, o discipulado e o anseio por uma derramar do Espírito de Deus não podem ser apregoados por nossas bocas sem que em nós não esteja presente de maneira tangível a verdade da mensagem.

Analisaremos juntos as implicações que o entendimento da vontade de Deus trás para nossas comunidades, mas juntamente com isso precisamos ser enfáticos em olhar para nós mesmos neste caminho. Meu convite, mais uma vez, é para que não seja apenas um leitor passivo que simplesmente analisa o conteúdo sem se envolver com ele. Meu anseio é para que leia estas palavras de maneira participativa, refletindo juntamente comigo naquilo que o Senhor deseja para nós como seu povo.

CAPÍTULO 4

A VIDA DA IGREJA

A compreensão da natureza familiar da Igreja e de seu propósito em ser habitação de Deus e o meio pelo qual Ele manifesta Sua glória, deve mudar a nossa maneira de *fazer* igreja da água para o vinho. Pense, talvez por alguns segundos, que o nosso desafio é aplicarmos em cada esfera de nossas igrejas, famílias e ministérios o que aprendemos até aqui. Imagine que o nosso foco seja estarmos agrupados ao redor da Presença. O que isso implicaria?

Depois de algum tempo pensando sobre isso, minha resposta não é plena. Talvez eu precise de toda uma vida para começar a arranhar a superfície da profundidade que é o lugar de habitação para Deus. Mas algumas coisas estão claras para mim, como o fato de que, quando entendo o poder que reside na família - Igreja -, automaticamente sou constrangido a viver uma vida em que todos os meus padrões de sucesso são desafiados.

Torna-se evidente que, ao desejarmos viver uma realidade de igreja como proposta nas Escrituras, iremos valorizar mais os frutos eternos do que os frutos passageiros, na esperança de que não mais mediremos o sucesso de uma Igreja pela sua arrecadação mensal, pelo tamanho do prédio ou até mesmo pela quantidade de pessoas frequentando os cultos de domingo. Na verdade, estaremos dispostos a trocar tudo isso por uma igreja que tem pais e mães debruçados nas Escrituras com seus filhos, adolescentes se reunindo para orar pelas nações, jovens e adultos estudando os segredos escondidos na história da igreja.

Nossos olhos serão atraídos para uma proposta mais sólida ao invés de serem entretidos por boas apresentações da equipe de louvor. Na verdade, precisamos ser fascinados por essa glória superior de comunhão ao passo que algo inferior a isso simplesmente não irá funcionar para nós.

Querido irmão, foi isso o que aconteceu comigo. Eu não estou disposto a sacrificar os prazeres da verdadeira comunhão com Deus em família a fim de ter um ministério mais *moderno* ou mais famoso. Se temos fome de Deus e queremos nos parecer com Ele, precisamos aprender a desejar o que Ele deseja e viver o que Ele vive, e, de fato, o Senhor é uma comunidade de Si mesmo. Gloriosa comunhão!

Precisamos abrir os nossos olhos para a verdade de que, se o que vivemos difere dos padrões apresentados pelas Escrituras, o que vivemos não é Igreja. Se não é Igreja, não vivemos aquilo que o

Senhor propôs. E se não vivemos o que o Senhor propôs, estamos servindo a quem? Podemos dizer que O amamos e que O desejamos mas se não nos engajamos em uma vida comunitária com nossos irmãos na fé, então verdadeiramente estamos longe Dele.

Minha ideia não é gerar algum peso desnecessário que provoca remorso e tristeza ao invés de arrependimento. O meu coração deseja apenas que sejamos despertados para a luz do entendimento do que é, genuinamente, *andar em família* e ter uma igreja, para que, então, nos tornemos o tipo de povo que Deus deseja levantar nos últimos dias, a fim de nos apresentarmos de maneira gloriosa ao Senhor naquele Dia. Creio que, sem compreendermos que somos como corpo, como uma família, e que esse é o desejo de Deus, não podemos crescer individualmente na fé, muito menos coletivamente. Essa mensagem precisa ser parte de nossos corações para que possa se tornar algo que, organicamente, se manifesta em nosso dia a dia. Eu chamo isso de Vida da Igreja.

A Igreja como Corpo de Cristo é um organismo vivo e radiante, e não apenas uma reunião semanal. A vida de Jesus deve fluir em comunhão e em nossas atividades. Nessa perspectiva, o nosso olhar a respeito das atividades diárias da Igreja muda completamente, pois tudo o que fazemos não tem um fim em si mesmo, mas sim em alcançarmos juntos a virtude de Cristo pela comunhão da Igreja.

O entendimento da Vida da Igreja, ou da comunhão com Cristo, afeta completamente a maneira como fazemos Igreja. Certamente, nós nos tornaremos menos mecânicos e mais focados no desenvolvimento do caráter de Cristo na comunidade. No entanto, não quero criar uma espécie de pensamento que acredita utopicamente que uma igreja local não terá aspectos organizacionais, ou em outras palavras, institucionais.

Enquanto escrevo este livro, estou em Londres, plantando uma igreja em minha casa, o que significa que todas as reuniões são feitas na minha sala de estar. Mas, mesmo a nossa igreja sendo orgânica em suas relações, ela tem aspectos estruturais que nos ajudam a crescer como comunidade local. Por exemplo: temos o casal que cuida das questões financeiras; temos pessoas responsáveis pelas crianças; temos uma liderança estabelecida e reportamos tudo isso ao presbitério no Brasil, como ordenam as Escrituras.

Precisamos reconhecer que a organização não é contrária ao organismo.^[27] Porém, ao recebermos o entendimento familiar da Igreja, não iremos tratar os voluntários como funcionários, mas sim como irmãos. Nossa maior proposta como igreja não é construir um bom show aos domingos. Enquanto trabalhamos juntos nas coisas funcionais da igreja local, Deus opera em nós a obra da comunhão.

Dessa maneira, tudo o que fazemos vira, na verdade, uma desculpa

para estarmos juntos e crescermos juntos no caráter de Deus. A vida da Igreja, portanto, não é isenta de coisas práticas e organizacionais, mas carrega um peso muito superior, que é fazer parte de uma comunhão celestial que revelará a glória de Deus ao fim do processo.

Por isso, como comunidades, precisamos elevar os nossos olhos para uma perspectiva superior. Não só como comunidades, mas como indivíduos também. Precisamos desaterrar nossa fome espiritual, a fim de persistirmos em direção a uma realidade de vida cristã em que não fugimos dos desafios da vida em comunhão com os irmãos.

Sem dúvida, uma das dicas mais poderosas que posso te dar neste livro é: seja persistente em desejar e viver a realidade de comunidade e família, de maneira ativa e real na sua vida. Mergulhe na vida da igreja, procure ser amigo(a) de homens e mulheres de Deus, se envolva nas demandas da igreja, e não como mero trabalhador, mas entenda a beleza do servir e deixe isso moldar sua vida com Deus.

Quando olho para trás, tanto em minha vida pessoal quanto em meu ministério, acredito que nada tenha mudado tanto minha vida quanto o *andar em família*. Quero compartilhar um pouco mais sobre isso e ajudá-lo a aplicar tais verdades em sua vida.

O QUE A COMUNHÃO MUDOU NA MINHA VIDA?

Desde o começo de minha vida em Cristo, uma de minhas características é a intensidade. Conversamos um pouco sobre isso no livro *Fome por Deus*. Depois de algum tempo caminhando com o Senhor, algumas coisas pareciam nunca se resolver em minha vida: certas inconstâncias, pecados e dúvidas nunca chegavam a um fim.

Confesso que nada em mim repudiava a ideia de caminhar perto de pessoas ou ser discipulado, mas, por um longo período de tempo, eu achei que minhas dificuldades em caminhar com o Senhor seriam apenas resolvidas se eu aprendesse a orar, jejuar e clamar mais em meu quarto de oração. Honestamente, isso por algum tempo se tornou inclusive um peso que, por alguns momentos, me fizeram questionar minha fé.

Durante alguns anos, em minha fé, eu sentia uma falta de propósito em minha caminhada. Como se a conta não fechasse, eu pensava: “me converti, vou para o céu e frequento uma igreja aos domingos, ok, mas e agora?”. E sinceramente, por algum tempo, eu até me encantei com as propostas ministeriais, ou com o sonho de mudar o mundo ^[28] através do Evangelho. Mas, mesmo com isso, me sentia vazio.

Eu carecia de um propósito eterno, e não só isso, eu carecia de pertencimento tanto na obra de Deus quanto na família de Deus. Como muitos jovens cristãos, eu estava rodeado de atividades da igreja local, mas sozinho no interior. Minhas dores eram só minhas, eu

batalhava minhas guerras por mim mesmo e, por fim, não conseguia romper e experimentar o amadurecimento em Cristo que eu desejava. Sem dúvida, foi o desvendar de João 17 perante os meus olhos que mudou toda a minha perspectiva sobre comunhão, vida eterna e o propósito de vida. Mas foram as pessoas com quem me conectei ao longo de minha jornada que, definitivamente, transformaram a minha vida. Por isso eu digo que, talvez, o andar em família tenha sido o que mais transformou a minha história.

Particularmente, creio que nada pode nos mostrar de maneira tão plena quem Deus é do que a verdadeira comunhão. Lembro-me de batalhar constantemente com sentimentos de rejeição e rebeldia em minha vida. Eu compreendia teologicamente que Deus era meu pai, eu até tinha bons pais e uma boa família. Mas, dentro de mim, batalhava constantemente contra a ideia de rejeição e rebeldia. Eu estava sempre tentando me provar e merecer a atenção divina.

Esse é um ponto importantíssimo quando falamos das aplicações da Igreja na vida do crente. A Igreja é o meio pelo qual Deus manifesta a Sua vontade, e essa vontade não está relacionada apenas à Sua vontade escatológica - ou seja, aquilo que Ele fará -, mas, também, manifesta em plenitude a Sua vontade e caráter hoje. Portanto, a Igreja e o andar em família são imprescindíveis para recebermos e vivermos a vontade divina.

Uma maneira muito poderosa de refletirmos sobre isso é notarmos que Deus é "Pai dos órfãos" (Sl 68:5) e, por Sua graça, faz com "que o solitário more em família" (Sl 68:6). Deus fez com que nós, órfãos,^[29] fôssemos chamados de Sua família - Igreja. Assim, sem a Igreja ou sem a família de Deus, nos tornamos filhos sem casa, sem propósito e sem destino.

Em outras palavras, creio que a Igreja (família) seja não apenas o propósito de nossa vida - ou seja, termos a Sua presença conosco para todo sempre -, mas também o meio através do qual encontramos, em nossos dias, aplicação e revelação das verdades que recebemos no Espírito. Vou usar dois textos das Escrituras para caminharmos juntos em meu ponto de vista:

Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não há quem pregue? Romanos 10:14 (grifo do autor)

Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama seu irmão, a quem viu, não pode amar a Deus, a quem não viu. 1 João 4:20 (grifo do autor)

Em um primeiro momento, os versículos que escolhi podem parecer um pouco confusos e não provar ponto algum, mas insista um pouco comigo e tenho certeza que seremos esclarecidos juntos. Em Romanos

10, o apóstolo Paulo nos ensina que a manifestação da palavra de Deus pela pregação do Evangelho é essencial para que outros venham a crer. Da mesma maneira, João, em sua carta, nos incita a compreendermos que o amor por Deus não é meramente vertical ou abstrato, mas precisa ser necessariamente manifestado aos meus irmãos de maneira horizontal e prática.

Repito o que uma vez ouvi de Heidi Baker: “o amor precisa se parecer com algo”.^[30] Creio que assim como o amor deve se parecer com algo, da mesma maneira deve ser a adoção, redenção, esperança, curas, sinais, poder, glória, santidade e todos os outros aspectos que possamos tratar sobre as Escrituras e plano de Deus; todos esses assuntos precisam ser aplicáveis. Particularmente, penso que não existe nada mais eficaz em tornar o Evangelho palpável do que o caminhar em família.

Onde mais posso me descobrir como filho de Deus senão no meio da família de Deus? Enquanto a pregação abre meus olhos, a comunhão penetra o coração. É ao sentir o amor de Deus Pai fluindo da vida de um irmão mais velho até a mim que percebo, mesmo que por um vislumbre, a graciosa verdade: “Deus me ama”. É quando eu me sento em uma mesa com pessoas de diferentes nações, tribos, línguas e classes sociais e me sinto em família que eu tenho relances do glorioso Reino de Jesus.

É como ferro afiando ferro (Pv 27:17), isto é, são como pedras se lascando e moldando-se: assim é a família chamada Igreja. Homens e mulheres que foram feitos filhos de Deus, reconciliados em Seu amor e que, agora, se ajustam e crescem juntos a fim de amadurecerem a estatura do varão perfeito (Ef 4:13).

Quanto mais cresço em minha caminhada, mais valorizo a Igreja. Quanto mais faminto me torno, mais amigos de Deus eu quero conhecer. É como Paulo nos ensina: “conhecer o amor com todos os santos” (Ef 3:17-19). Sendo assim, Deus só pode ser conhecido plenamente em família!

Ou seja, aos famintos por conhecê-Lo, não há outro caminho a não ser crescer em comunhão com os irmãos. Paulo não nos dá outra direção. As Escrituras não nos dão outra direção. Cristo não nos dá outra direção. Ou crescemos com todos os santos a fim de conhecê-Lo, ou, não estamos caminhando em direção ao Senhor.

Por isso afirmo que o andar em família não só transformou a minha caminhada como, de fato, me engajou verdadeiramente na história de Deus. Assim, a Igreja é o lugar onde podemos desfrutar de uma realidade futura ao passo que somos transformados à imagem do Filho.

CAPÍTULO 5

ENTRANHÁVEIS AFETOS

O mistério da comunhão

Este livro tem uma missão: despertar a Igreja de nossos dias para sua natureza comunitária e familiar. Eu estou consciente que o chamado desse livro é de comum acordo ao chamado das Escrituras. Repito: não há vida cristã sem comunhão com meus irmãos em Cristo.

No entanto, o que significa essa comunhão? Será que estamos falando de algum tipo de utopia adolescente na qual todos nós iremos morar juntos, viver juntos e extrair nossos alimentos de uma horta comunitária? Por mais que existam pessoas com as quais eu amaria viver isso, não acredito que esse seja o significado de comunhão de acordo com as Escrituras.

Podemos pensar em comunidades familiares como uma espécie de organização em que temos encontros semanais e discipulados programados periodicamente e nunca falharmos nisso. Sinceramente, não acredito que seja isso que as Escrituras apresentam como comunhão em Cristo.

Juntos, temos entendido que a Igreja é o lugar da plena revelação de Deus. Construímos até aqui a ideia de que a fome por mais de Deus e o anseio por sermos transformados à imagem do Filho precisam, imprescindivelmente, nos arrastar para uma vida de comunidade, pois é na Igreja que encontramos a vida de Cristo.

Entretanto, estou convicto de que tal vida comunitária não tem como essência os dois exemplos que citei acima, mas um sentimento que Paulo chama de “entranhados afetos” (Fp 2:1- ARA), ou o que o escritor aos hebreus chamou de “amor fraternal” (Hb 13:1). Em outras palavras, creio que a comunidade bíblica nasce no interior e por meio de sentimentos profundos e verdadeiros uns pelos outros, e não apenas por práticas em comum.

Em Filipenses 2, quando Paulo exorta os irmãos em Filipo ao amor fraternal e à unidade, ele se baseia em quatro aspectos para seu discurso: exortação em Cristo, consolação de amor, comunhão do Espírito e, por fim, entranhados afetos e misericórdia.

Portanto, ele se baseia, em primeiro lugar, na comunhão individual que cada cristão tem com Cristo, partindo do fato de que ninguém, tendo vida em Cristo, seria odioso aos seus semelhantes. Em segundo lugar, na consolação de amor, que é o amor de Cristo pela Igreja. “Ao conclama-los para que vivam juntos em harmonia, Paulo apela para os

mais altos motivos: o amor que o Senhor da Igreja nutre por Seu povo deve impeli-los a viver dignamente”.^[31] Em terceiro lugar, na comunhão do Espírito, “A participação comum no Espírito, pela qual os crentes são batizados em um só corpo, deveria determinar a morte de toda desavença e espírito de partidarismo”.^[32] E, por fim, nos entranhados afetos e misericórdia, que nos dizem que “certamente nossas entranhas precisam ser movidas, e as aflições do irmão precisam despertar em nós uma viva compaixão”.^[33]

Todos os ensinamentos de Filipenses 2:1 nos levam a um entendimento de que nossas vidas não são mais nossas, mas, em Cristo, nos tornamos um corpo sem facções e partidarismos. Na verdade, somos tão movidos pelo amor de Cristo na Igreja que nossas afecções surgem das entranhas, do interior, das partes mais profundas de nosso ser. Ou, como costumamos dizer em nossa igreja local, misturamos nossas entranhas a ponto de nos tornarmos um.

O amor fraternal proposto pelas Escrituras é um sentimento das entranhas e do pertencer de vida, a Cristo e uns aos outros. Por isso, compreendemos que "somos um só corpo em Cristo e, individualmente, membros uns dos outros" (Rm 12:5), o que quer dizer que minha fé me conectou perpetuamente a Cristo, e visceralmente aos meus irmãos!

Creio que a razão pela qual muitos de nós não estão desfrutando de romperes em suas vidas com Cristo e estão se sentindo travados e patinando no mesmo lugar há tempos não diz respeito necessariamente a uma falta de atividade eclesial, mas sim a uma ausência de comunhão e pertencimento no Espírito!

Não podemos cair no erro de acharmos que comunhão, ou família espiritual, pode ser manufaturada. Por favor, compreenda a comunhão como um mistério bíblico, como uma realidade acessada apenas pela revelação do Espírito e pela obra da Cruz. É somente no pertencer uns aos outros, em Cristo, que desfrutaremos da vida de Cristo que temos falado ao longo deste livro.

Para que possamos ter uma maior compreensão de que tipo de comunidade - família - a Bíblia nos ordena a sermos, precisamos inevitavelmente definir a palavra comunhão. Se é na comunidade onde o Evangelho torna-se palpável, precisamos urgentemente nos perguntar: o que é comunhão?

Em minha opinião, 1João 1 nos aponta um caminho magnífico para a compreensão desta verdade como poucos textos nas Escrituras fazem. O apóstolo João começa a sua carta exaltando a divindade de Cristo e, ao mesmo tempo, a Sua encarnação a ponto de dizer: "o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalparam," (1Jo 1:1). João apela para a pessoalidade de seu testemunho a respeito de Cristo e combate qualquer heresia que

ensina que Cristo não era Deus ao dizer: "O que era desde o princípio". Com autoridade proveniente de uma mensagem bíblica e de uma experiência pessoal com Cristo Jesus, o apóstolo João apregoa a boa-nova aos fiéis, tendo como objetivo "para que também tenhais comunhão conosco;" (1Jo 1:3). Isso deixa claro que a comunhão a respeito da qual João estava falando era necessariamente pautada em uma doutrina correta sobre Cristo.

Em outras palavras, o apóstolo está convocando os ouvintes a serem parte da comunhão da Igreja, apregoando as boas-novas de Cristo Jesus, a fim de que a palavra de Deus construa o firme alicerce necessário para a comunhão. Sendo assim, a comunhão bíblica é necessariamente pautada no testemunho da obra de Cristo, por isso João começa sua carta pregando a sã doutrina apoiando-se naquilo que havia ouvido do próprio Cristo (1Jo 1:3).

De maneira prática, isso significa que comunhão não é promovermos churrascos de confraternização ao fim do mês, termos um tempo no cinema com toda igreja, ou ao fazermos uma festa de aniversário para um de nossos amigos. Necessariamente, a comunhão existe sobre um fundamento, e esse é o testemunho da obra de Cristo.

Obviamente, não estou dizendo que em todos os momentos que nos vemos precisamos abrir a bíblia para que, então, possamos ter comunhão, mas os ensinamentos de João deixam claro que não podemos ter verdadeira comunhão com pessoas que em seu coração não receberam o testemunho e senhorio de Cristo Jesus. Podemos ser bons amigos, companheiros de trabalho, mas não podemos ser família espiritual com quem não nasceu de novo pelo poder da obra de Cristo!

Como costumo ensinar aos meus discípulos: não podemos discipular pessoas que não são discipuladas, em primeiro lugar, pelas Escrituras. Da mesma maneira, não podemos ser família de quem, em primeiro lugar, não nasceu de novo como um filho de Deus. Assim, comunhão não é um mero convívio ou a participação em um mesmo ambiente, mas é partilharmos da mesma verdade no interior, em que, pela submissão ao testemunho de Cristo, nos tornamos filhos de Deus.

Tendo o testemunho de Cristo como fundamento, finalmente João deixa claro com quem tem comunhão ao dizer: "a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo". O seu convite à comunhão torna-se ainda mais específico, e não diz respeito somente a uma comunidade teológica que partilha das mesmas ideias ou a um grupo de pastores que se denominam todos carismáticos ou reformados. Ele enfatiza que o centro da comunhão está em Deus.

Como aprendemos em João 17:21 anteriormente, a oração de Jesus nos unifica em Deus por meio de Seu sacrifício através da adoção de filho promovida pelo Espírito. Com isso, o centro da comunhão não está em nossos esforços humanos para conquistá-la, mas, acima de

qualquer outra coisa, está em Deus.

A comunhão é um mistério magnífico de unificação do homem com Deus e também do homem com o homem, de forma tão profunda que Paulo chama de entranhados afetos. Por ser algo que se inicia em Deus e termina no próprio Senhor, não podemos acreditar que podemos construir uma comunidade usando qualquer outro fundamento.

Dito de outro modo, só temos comunidades - comunhão - se o que nos une é a presença de Cristo em meio ao Seu povo, ou seja, se o Espírito Santo operar um verdadeiro afeto e um misturar de entranhas. Portanto, homens e mulheres que desejam viver o verdadeiro senso de família precisam ser apaixonados pela manifestação de Deus em Seu meio, pois é a revelação de Deus que os une.

Do mesmo modo, alguém que deseja viver de maneira abundante a realidade da presença de Deus irá, em algum momento, se deparar com um chamado profundo do Espírito a viver família com seus irmãos, caso contrário irá falhar em ter uma verdadeira manifestação da Presença em sua vida e ministério.

Concluimos que andar em família não é um ato guiado pela força humana, mas inegociavelmente pelo Espírito, sendo um mistério. Creio haver um esforço, mas esse esforço é enraizado na obra e no mover do Espírito, na adoção e em direcionar-nos no dia a dia da Igreja.

Os que amam a Presença precisam amar a comunhão com os santos e aqueles que desejam viver verdadeira comunhão devem amar a Presença! Um carrega o outro.

CAPÍTULO 6

ATOS 2:42

O PODER DA PERSEVERANÇA

Sermos igrejas locais que vivem a realidade de comunhão de acordo com as Escrituras é, em minha opinião, um dos maiores desafios que temos hoje em dia na Igreja mundial. E se temos essa dificuldade em nossas igrejas locais, logo, percebemos que individualmente não vivemos isso em nossas próprias vidas.

Provavelmente, caso pudéssemos ter o *feedback* da maioria dos leitores deste livro e perguntássemos se eles conseguem perceber as características do "andar em família" em suas próprias igrejas e vidas, creio, honestamente, que ficaríamos surpresos com o elevado número de cristãos que diriam “não, eu nunca vivi tal realidade”. Poucas coisas pesam mais no meu coração do que construir comunidades saudáveis, nas quais temos filhos e filhas de Deus engajando-se no eterno propósito Dele e vivendo uma vida digna disso, juntos.

Ao longo de minha trajetória pessoal e de minha experiência como pastor, tenho aprendido muitas coisas, e este livro é fruto desses anos de aprendizado. No entanto, preciso lhe apresentar, meu amigo, um dos versos que mais me ajudou e se tornou um padrão em minha caminhada, tanto com meus irmãos quanto individualmente.

Sou fascinado por avivamento, e por ser um apaixonado pelo tema, não poderia deixar de me fascinar por Atos 2. Contudo, confesso que não foi o evento da descida do Espírito a parte do texto que mais me chamou atenção durante meus anos de caminhada, mas a vida comum da Igreja de Cristo descrita nos versos 42-47. Digo vida comum porque, visivelmente, observamos a rotina daqueles que criam. Podemos, nesses versículos, compreender o cotidiano da Igreja do primeiro século:

E eles perseveravam no ensino dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada um havia temor, e muitos sinais e feitos extraordinários eram realizados pelos apóstolos. Todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e bens, e os repartiam com todos, segundo a necessidade de cada um. E perseverando de comum acordo todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus e contando com o favor de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava a cada dia os que iam sendo salvos. Atos 2:42-47

Ao dizer que o que me atraiu mais, em Atos 2, ao longo da minha trajetória não foram os versos que descrevem a descida do Espírito - não estou de maneira nenhuma diminuindo sua importância. Como conversamos anteriormente, não existe comunhão sem o Espírito, e ter

a presença de Deus no meio de Seu povo deveria ser o maior objetivo de nossas Igrejas. No entanto, o que chamou a minha atenção ao longo dos anos nos versos seguintes ao descrever derramar do Espírito em Pentecostes, foi como a prática de coisas *simples* eram o alicerce para que a glória de Deus encontrasse repouso na comunidade.

A palavra “perseveravam” usada no versículo 42 por Lucas me atinge como poucas coisas nas Escrituras. Recentemente, fui renovado por seu significado. O ano de 2020 foi marcado por uma crise mundial. A pandemia do Covid-19 parou todas as coisas: mercados, farmácias, escolas e até mesmo as igrejas. Nossos prédios foram fechados, muitos de nós precisamos reaprender a brincar com nossos filhos e olhar nos olhos de nossas esposas sem pressa. Quando o barulho da atividade parou, a nossa falta de profundidade foi manifestada.

Não sei como tal experiência te afetou, mas, quanto a mim, me fez rever cada centímetro do que eu havia construído nos últimos anos. Olhei para minha família, saúde e igreja como nunca antes. Estudei mais do que nunca, descansei mais do que nunca. No processo de rever a mim mesmo, percebi que toda a estrutura de som que havia em nossa igreja local, as nossas câmeras e o ministério de mídia foram imprescindíveis para fazer a mensagem continuar sendo pregada aos irmãos. Porém, esses recursos foram impotentes em fazer esses irmãos permanecerem inabaláveis.

Percebi que a solidez e o sucesso de nossa igreja ao passar pela tempestade não estava em ver novos membros entrando na igreja, mas, de fato, estava na solidez de fé pela qual passamos pelo processo árduo da pandemia. E, quando paro para pensar, o principal motivo que nos fez permanecer solidificados na rocha foram os fundamentos inegociáveis que havíamos colocado ao longo dos anos.

A “perseverança” nas coisas fundamentais nos fez ter raízes além da internet. Assim, nem mesmo o afastamento social conseguiu impedir a comunhão espiritual da Igreja. E, por mais célebre que pareça, não é! A vida comum da igreja, o “perseverar”, é muitas vezes chata, maçante e cansativa; mas contém um poder inimaginável: ver Cristo ser formado em nosso meio!

Precisamos redirecionar nossa fome para coisas eternas, termos nossos anseios orientados por coisas superiores, a fim de termos a maturidade necessária para permanecermos nas coisas ordinárias do cotidiano, sabendo que elas promovem, em nós, coisas inefáveis e absolutamente mais majestosas do que as que temos experimentado agora. Somente ao acabarmos com as falsas linhas de chegada, conforme conversamos no livro “*Fome por Deus*”, podemos ter nossos corações centrados em permanecermos nas mesmas coisas.

Usando a palavra “perseveravam”, Lucas, o autor do livro de Atos, nos faz entender que a Igreja do primeiro século praticava as mesmas

disciplinas diariamente e de maneira incessante. Perseverança não se parece com apenas um dia de prática. Ninguém pode dizer que perseverou nos estudos, por exemplo, se gastou um mês estudando e depois desistiu. Podemos dizer que alguém perseverou quando, ao olharmos o trabalho concluído, somos levados a dizer: Ele perseverou, concluiu a tarefa!

Caro amigo, leia essas palavras com atenção: você precisa perseverar! A caminhada de fé não é uma caminhada romântica e vitoriosa como um filme da *Marvel*. Definitivamente, teremos um casamento no fim desta era, e, sim, temos um herói. Porém, a nossa história é marcada com sangue, lágrimas, suor e muita, mas muita perseverança.

Contudo, precisamos nos perguntar: no que eles perseveravam? A resposta está mais do que clara no mesmo verso. Vejamos:

E eles perseveravam no ensino dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Atos 2:42 (grifo do autor)

Os quatro pontos apresentados acima formam, ao meu ver, um padrão extremamente saudável de aplicação da nossa perseverança, tanto individualmente quanto coletivamente como igrejas locais. Por não desejar que você leia esse livro e adquira apenas boa informação, quero ser extremamente prático nos trechos a seguir. Portanto, analisaremos os quatro pontos, um por um, aplicando-os em nossas vidas individuais e comunitárias.

1. Doutrina dos apóstolos:

Gosto de definir doutrina como sendo o que a Bíblia pensa sobre um assunto. Quando as Escrituras falam sobre a “doutrina dos apóstolos”, ela diz respeito ao que, ao longo da história do povo de Deus, havia sido ensinado, desde os patriarcas e profetas e, então, os apóstolos, os quais, por revelação do Espírito, escreveram o Novo Testamento que temos hoje. Contudo, nenhum deles ensinaram aquilo que pensavam ou imaginavam ser o certo, como diz Paulo: “Pois não pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor, e nós mesmos como vossos servos por causa de Jesus.” (2 Co 4:5).

Assim, a doutrina dos apóstolos que a Igreja de Atos se dedicava a ensinar não é mera invenção da cabeça humana, mas, sim, fruto daquilo que havia sido ensinado ao longo da história do povo de Deus e expressado pela boca de Cristo diretamente aos apóstolos.

Aprendemos que a vida da Igreja de Cristo precisa ser pautada na sã doutrina e não em artifícios humanos de retórica e bom discurso. Como Paulo nos ensina, “Porque ninguém pode lançar outro alicerce, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo” (1 Co 3:11). A saúde do que vivemos em Cristo e em comunidade está completamente ligada ao fato de nos atentarmos às Escrituras, sendo honestos em

deixá-la ferir nossos corações com suas verdades e nunca alterá-la a fim de encaixar a doutrina de Cristo em nossas realidades.

Como comunidades, precisamos estar pautados em uma boa doutrina, pois é o testemunho genuíno de Cristo que promove unidade e verdadeira comunhão. Além disso, se construirmos comunidades em cima de nossas próprias ideias, não teremos uma Igreja de Cristo. Pelo contrário, produziremos um clube social onde nossos defeitos se multiplicam como ervas daninhas.

Por outro lado, quando pensamos de maneira individual, o ato de crescer na doutrina e no estudo das Escrituras te fará não somente crescer em sua vida com Cristo, mas, também, te levará a saber discernir o que é verdadeiro e o que é falso no meio das “igrejas” que temos por aí. A maturidade bíblica te fará ser sólido em sua fé, assim como aumentará o seu discernimento comunitário, não sendo levado por qualquer vento de doutrina (Ef 4:14).

1. Comunhão:

A perseverança da igreja de Atos não estava apenas na doutrina, mas na comunhão entre os irmãos. Tendo em vista tudo o que falamos anteriormente, os irmãos em Atos eram diligentes e perseverantes em estar juntos, fisicamente, para celebrar sua união no Espírito.^[34] Na semelhança do que nos ensina Hebreus 10:25, os irmãos da primeira igreja eram constantes no congregar, “demonstravam visivelmente sua união em Jesus Cristo nos cultos de adoração, onde chamavam uns aos outros de irmãos e irmãs.”^[35]

Como comunidades, o congregar e o ato de sermos intencionais em promovermos momentos de encontros onde todos os irmãos estão no mesmo lugar adorando ao Senhor, em minha opinião, irá produzir uma igreja mais viva e poderosa em sua fé. Ao estarmos semanalmente juntos, ou o máximo que pudermos, para professarmos nosso amor por Cristo, seremos edificados uns pelos outros, como nos ensina Paulo (Ef 5:18-21). À medida que, juntos, servimos a Cristo, somos cheios do seu Espírito Santo e nos tornamos comunidades mais cheias de poder!

Individualmente, não há nada que edifique sua fé e, ao mesmo tempo, a prove do que o congregar. Lidar com pessoas diferentes de você irá te moldar em suas relações e te tornará mais parecido com Cristo ao aprender a se humilhar, obedecer, perdoar... essa lista não tem fim. É a intencionalidade da comunhão que deixará sua fé tangível. Ao mesmo tempo, é o congregar com os irmãos na fé que lhe dará ânimo, através dos irmãos, nos dias mais fracos de sua caminhada.

1. O partir do pão:

Acredito que Lucas, ao falar sobre o partir do pão, está se referindo à Ceia do Senhor^[36] sobre a qual Paulo ensina (1 Co 11:17-13), pois ele é uma continuação da comunhão e do ensino da Palavra descritos acima. Portanto, ao meu ver, se encaixam em um contexto litúrgico.^[37] Como nos ensina Paulo, a Igreja do começo realizava a ceia em memória de Cristo, anunciando Sua volta (1 Co 11:23-26), o que nos mostra não apenas um partilhar de vida entre os irmãos nessa era, mas também uma esperança na era vindoura. É perceptível que os irmãos em Atos tinham, em suas práticas, o desejo pelo iminente retorno de Jesus.

Acredito que comunidades que experimentam um verdadeiro significado e prática da ceia do Senhor irão não apenas desfrutar de um crescimento da alegria da salvação, mas também um crescimento do amor fraterno. Contudo, creio que um dos maiores benefícios da Santa Ceia seja nos lembrar que Cristo não apenas ressuscitou, mas em breve voltará.

A Ceia nos ensina que a esperança não é solitária, mas comunitária. Como irmãos e igreja, nos reunimos ao redor da promessa “até que Ele venha”. Logo, sua vida individual não será plenamente edificada pela prática da ceia enquanto você não experimentar da vida de Cristo na Igreja.

1. Oração:

Ao olharmos para o último ponto do versículo 42 de Atos 2, não podemos cair no erro de enxergá-lo como menos importante. Gosto de pensar na oração não como algo que vem antes ou depois de nossas ações como Igreja. Vejo a oração como o oxigênio do Corpo de Cristo. Ela é vital e, na verdade, faz parte do DNA da Igreja, que, ao ser chamada para ser morada de Deus, no Espírito, é igualmente chamada a ser uma “casa de oração”.

E disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de salteadores. Mateus 21:13

Dito de outro modo, creio que o chamado para ser morada de Deus feito a Igreja e Seu povo está intrinsecamente ligado à vida de oração da Igreja, e isso não tem a ver com somente reuniões de oração, mas verdadeiramente com o Seu DNA e *modus operandi*.

A Igreja de Cristo é faminta pela Sua presença, e não há nada que a mova mais do que estar com Ele e, por esse motivo, creio que a oração é um fundamento que permeia todos os outros três citados acima. A vida de oração da Igreja é o que faz todas as práticas humanas se conectarem com a presença divina. Em outras palavras, é a oração que nos conecta com Deus.

Precisamos urgentemente repetir o desejo dos discípulos a Jesus:

“ensina-nos a orar” (Lc 11:1). Não apenas em nosso *lugar secreto* de maneira individual, mas, acima de tudo, como Corpo. Assim como os irmãos em Atos, com a descida do Espírito no dia do Pentecostes, precisamos permanecer em uma vida de oração comunitária para que, então, experimentemos o descer do Espírito em nosso meio, como um terremoto ou línguas de fogo!

“Ensina-nos a orar”^[38] precisa virar a nossa maior oração se queremos ter comunidades onde a presença de Deus é real e palpável, se queremos deixar de congregar apenas ao redor de boas pregações humanas e se queremos vida em nossa vida de discipulado. Se queremos avivamento, se o que desejamos é viver o proposto nas Escrituras, então precisamos de oração.

CAPÍTULO 7

CULTURA DA FAMÍLIA

Foi entre 2016 e 2018 que experimentei o maior nível de maturidade - até então - dos três tópicos (*fome por Deus, renovação da mente, andando em família*) sobre os quais temos conversado ao longo dos livros.

Naquele período, eu já era pastor e estava me preparando para me transferir ao Rio de Janeiro com minha esposa e filhas para, juntos, trabalharmos na plantação de nossa igreja na cidade maravilhosa. Como era de costume em nossa história, o Senhor sempre nos fez trilhar caminhos que, aos olhos humanos, não faziam sentido, mas, no fim, a vontade divina sempre se manifestou mais alta do que a nossa. Foi assim que ocorreu o processo de implantação de nossas igrejas: elas nasceram praticamente juntas.^[39] Deste modo, aos 22 anos, eu e minha esposa começamos a pastorear 3 igrejas ao mesmo tempo, sendo fundadores e líderes^[40] delas.

Devido às grandes responsabilidades e demandas, tivemos que aprender maneiras de pastorear e gerar a mesma cultura nas três igrejas ao mesmo tempo, com o intuito de que nenhuma delas crescesse com outra visão. Assim, os três princípios iniciais que sempre direcionaram minha vida se expandiram em nove ensin^[41]os que nós chamamos de “a cultura da família”. Assim como esse livro, todos os princípios nos levavam até uma realidade superior: fazer parte da Família e da eterna comunhão com Deus.

Ao longo do *box*, temos falado da maioria dos pontos do que a nossa igreja chama de “Cultura da Família”. No entanto, um dos principais princípios para sermos transformados pela realidade familiar e também para perseverarmos na comunhão ainda não foi apresentado de maneira clara a você, amigo leitor.

Portanto, me esforçarei em ensinar com a maior clareza possível o princípio de “andar na luz” enquanto caminhamos em suas aplicações e em versículos bíblicos que nos apresentam essa verdade. Contudo antes de falarmos sobre andar na luz, iremos nos aprofundar nas riquezas que a temática discipulado carrega, para que juntos traçarmos um trilho coerente de aprendizado.

O Discipulado

Seria impossível falar do assunto família - Igreja - sem ao menos mencionar o tema discipulado.^[42] De fato, acredito que um dos

motivos para termos igrejas e cristãos tão fracos em nossos dias é, principalmente, a ausência do discipulado. Acredito que no centro das Escrituras está a presença de Deus em comunhão com o Seu povo, o que temos chamado de Família. No entanto, o discipulado é a força motriz que sustenta a comunhão.

Como ensina Jonas Madureira, “em geral, no contexto cristão, a palavra “discipulado” tem dois sentidos. Um refere-se ao ato de seguir Jesus (imitar Cristo); o outro, ao ato de ajudar alguém a seguir Jesus (ajudar outros na imitação de Cristo).”^[43]

Percebemos que o discipulado não é apenas feito de homens para homens, mas, em primeiro lugar, de Cristo para os homens. Resumidamente, o discipulado é imitação. Todos nós, discípulos de Cristo, estamos O imitando e seguindo os Seus passos. Entretanto, podemos aprender - e devemos - com aqueles que são mais maduros e parecidos com Cristo do que nós. É o que Paulo nos ensina: “sede **meus imitadores**” (1 Co 11:1).

O discipulado bíblico não nos permite inventar nossos próprios meios de fazê-lo, nem mesmo de pregarmos coisas que não vivemos em nossas vidas, pois o discipulado em sua essência não é um convite para aprendermos a comunicar como o nosso mestre, mas um chamado a imitar a vida daquele que nos ensina. A imitação torna o discipulado algo desafiador a ser vivido, mas quando de maneira verdadeira é experimentado por alguém, é puro poder transformador.

Creio que não é à toa o fato de Cristo ter escolhido o discipulado como maneira de avançar a Sua mensagem na terra. Tenho dificuldade de acreditar que o Senhor que criou todas as coisas escolheria algo ineficiente e fraco para ser o meio pelo qual a sua Igreja avançaria nessa era. Precisamos expandir nossos olhos para o assunto discipulado.

Cristo foi enfático em dizer o que deveríamos fazer quando nos enviou. Formar discípulos^[44] nunca foi uma espécie de departamento da igreja que recebe os novos convertidos. O discipulado, como dito anteriormente, é a força motriz da missão de Cristo na terra, é a maneira como Cristo forma os Seus filhos em sua imagem e os comunga em Seu povo. Isso me leva a dizer que discipulado é Cristo sendo formado em alguém, e, para isso, será necessário não apenas imitar Jesus, mas beber da vida de Cristo fluindo no Seu corpo pelos meus irmãos.

Contudo, o discipulado não é apenas imitar moralmente Cristo como uma espécie de planilha fria de comportamentos. Conforme temos conversado ao longo deste livro, o discipulado precisa verdadeiramente fluir de um lugar de comunhão com Cristo, onde recebemos das profundidades de Seu ser.

Portanto, como afirma Robert G. Hamerton-Kelly:^[45]

"Os apóstolos e seus seguidores não imitavam os exemplos morais da vida de Jesus, mas o ato-síntese de sua crucificação, o Cristo crucificado em sua atitude de auto sacrifício, em vez de qualquer padrão ético específico da memória de sua vida. Mas o que significa imitar a atitude autossacrificial de Jesus? Segundo Hamerton-Kelly, a chave para o entendimento dessa imitação está no exemplo que os apóstolos deixaram para a Igreja. Ou seja, a Igreja, ao longo dos séculos, vem imitando Jesus naquilo que os apóstolos emularam de Cristo. Portanto, nenhum cristão que se preze imita Jesus sem a mediação apostólica. Aliás, tudo o que sabemos e devemos saber de Cristo é oriundo do ministério dos apóstolos. Por exemplo, ao dizer repetidas vezes e de diversas maneiras "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (I Co 4:16 e 11:1; 1 Ts 1:6; 2 Ts 3:7), o apóstolo Paulo [...] não estava defendendo a ideia de que devemos especular quais seriam os padrões morais de Jesus a fim de aplicá-los no cotidiano. O discipulado não se reduz a ajudar pessoas a imitarem Cristo por meio da especulação de como Ele agiria nos dias de hoje. O discipulado não está pautado em uma doutrina da especulação, mas na doutrina da imitação."

A fé cristã não é baseada em especulação oriunda de uma vida solitária, mas sim em alicerces firmes provenientes da imitação, do discipulado, que vem descendo desde os apóstolos até nós. Concluimos, portanto, que, para sermos bons discípulos de Cristo, precisamos inevitavelmente aprender a sermos bons discípulos dos irmãos mais maduros que nós, os quais, pela comunhão, aprenderam com os outros que vieram antes deles.

Acredito que muito é falado sobre sermos bons discipuladores - e, de fato, precisamos falar sobre isso - mas precisamos, em primeiro lugar, criar seminários que nos ensinem a sermos bons discípulos, a valorizarmos e desejarmos sermos bons discípulos para Cristo e também para aqueles mais maduros que nós e a honrarmos a porção de Deus em amigos de caminhada. Se a Igreja é o lugar onde flui a vida de Cristo e o ser discípulo de Jesus é inevitavelmente ser discipulado por alguém, logo, precisamos abrir nossos olhos para a necessidade iminente de sermos bons discípulos, pois não há outro caminho.

Meu anseio é tornar você apaixonado pela comunhão, pela família, pelo discipulado, para que, de alguma maneira, você seja atingido pelo desejo de se tornar alguém fácil de ser corrigido, esticado e treinado na fé. Para que a sua vida seja de fácil acesso aos que desejam te discipular em Cristo. Que o entendimento aqueça o seu coração a ponto de fazê-lo se render ao discipulado.

Seja fácil de lidar. Depois de anos pregando e vivendo tal mensagem, meu maior conselho para os que querem crescer na revelação de discípulo é: seja fácil de lidar, rápido em se arrepender e faminto por aprender. Não seja o tipo de pessoa em que é necessário fazer força para convencer.

Sua fome por ser como Jesus precisa se manifestar em um espírito ensinável, o qual anseia tão ardentemente as coisas que vem de Deus que entende, pela renovação da mente, a verdade de que seus irmãos em Cristo são o caminho para tal plenitude de Deus. Assim, precisamos reconhecer e nos permitir ser ensinados e confrontados pelos nossos irmãos, o que na verdade é um privilégio oriundo do

amor de Deus.

Andar na luz: comunhão e santidade

Ao falarmos de discipulado, não podemos deixar de falar do princípio que o apóstolo João chamou de andar na luz (1Jo 1:7). Como diz Victor Vieira, “é impossível que alguém que ande em trevas deliberadamente experimentar a vontade de Deus”.^[46] Não podemos crer que um Deus plenamente Santo, do qual emana luz e glória, aceite de maneira passiva homens e mulheres que simplesmente decidem esconder parte de suas vidas do Senhor. “Não estamos falando de alguém que está perdido e distante de Deus, mas de uma pessoa que está perto, porém mantém uma certa distância devido aos pecados e áreas obscuras em sua vida.”^[47]

Quando analisamos 1 João 1, após ensinar sobre a dignidade de Cristo e sobre como ele e seus irmãos, os apóstolos, foram testemunhas de Jesus em seu tempo na terra, João nos convida para a comunhão com o Filho e o Pai, como já conversamos antes. No entanto, se continuarmos com a leitura do texto, no verso 5, vemos João especificando a mensagem que recebeu de Cristo:

E a mensagem que dele ouvimos e vos anunciamos é esta: Deus é luz, e nele não há treva alguma. Se dissermos que temos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade; mas, se andarmos na luz, assim como ele está na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado. Se dissermos que não temos pecado algum, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, nós o tornamos mentiroso, e sua palavra não está em nós. 1 João 1:5-10

Com essa declaração, João é claro em manifestar a natureza de Deus. O Senhor “é luz no sentido de sua perfeição moral absoluta. Deus é santo e puro. Não há mácula em seu caráter. Ele é imaculado. Ele é puríssimo em seu ser, em suas palavras e em suas obras. Não há trevas que ocultam algum mal secreto em Deus nem sombra de alguma coisa que tema essa luz. João diz que não há nele treva nenhuma”^[48]. Portanto, os que foram chamados para viver em comunhão com Deus devem, de igual maneira, apresentar pureza e santidade em suas vidas. “Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade”, pois é impossível experimentar de verdadeira comunhão com o Senhor e ainda viver em trevas. Sendo assim, o nosso chamado é para andarmos na luz, a qual promove não apenas união com Deus, mas também com os irmãos, assim como nos ensina João: “Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado.”

Aprendemos que trazer luz para a nossa vida é a maneira como Deus nos liberta de nossas imundícies. Deste modo, é confessando os nossos pecados e sentimentos e lavando os nossos corações diante de Deus e de nossos irmãos que iremos não apenas ser purificados, mas também fortificados na comunhão. A luz é a manutenção da comunhão!

Dessa maneira, "sem meias palavras, uma clara definição de andar na luz é não ter do que se envergonhar diante de Deus e diante dos homens. É viver uma vida que não deixa margens para acusação ou desconfiança, uma vida que não apresenta caráter duvidoso. É viver uma vida que, de fato, você não tenha do que se envergonhar."^[49]

Andar na luz é abaixarmos as nossas defesas a fim de experimentarmos a verdadeira e gloriosa transformação que só Deus pode promover. É deixarmos de pensar em nossas reputações e valorizarmos a comunhão com Deus e Seu Filho. Não há como falarmos de família sem que aprendamos a viver uma vida de luz, a expor nossas frustrações, falhas e pecados, o que nos livrará de servirmos nosso próprio ego e nos empurrará para a proposta que estamos perseguindo ao longo deste livro: comunhão com Deus e com Seu povo.

Se somos desejosos de verdadeira comunhão com Deus, precisamos parar de defender nossa reputação diante dos homens, conforme Jesus nos ensinou: "Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?" (Jo 5:44). Precisamos urgentemente confiar na palavra de Deus que nos ensina que, na luz, "o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado". Devemos nos lembrar que "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça (1 Jo 1:9)."

Contudo, é importante lembrar que o ambiente de luz não é o mesmo que o ambiente da fofoca. Os telefones sem fio que espalham as fraquezas dos irmãos não podem acontecer no verdadeiro ambiente familiar, o qual promove a santidade de Deus. De fato, precisamos confessar os nossos pecados, mas, inegavelmente, precisamos construir um ambiente seguro e saudável que proporcione isso para que, então, experimentemos curas e não mais frustrações.

Embora acredite que precisamos construir os ambientes mais saudáveis para confessarmos pecados e andarmos na luz, sempre seremos visitados pelos erros de nossas imperfeições. A igreja mais legal do mundo ainda não poderá manifestar a plenitude de luz proposta pela natureza de Deus - e, assim, iremos nos magoar. A pergunta é: devemos parar de nos abrir?

Absolutamente, não! Os filhos de Deus que se apaixonaram pela Sua gloriosa comunhão e caráter não se confessam esperando aplausos da terra. Eles não estão preocupados com suas reputações e ministérios.

Os que confessam devem o fazer para reatar uma caminhada de luz diante de Deus e dos homens. Com isso, mesmo quando tratados de maneira insensível por irmãos da igreja, isso não os impedirá de receber o perdão divino!

Haja vista que não nos movemos pela aprovação de outros, mas, sim, pelo perdão de Deus, iremos nos libertar de frustrações humanas e, por incrível que pareça, nos tornaremos ainda mais aptos a desenvolver relacionamentos profundos com nossos irmãos. Isso deve-se ao fato de não sobrecarregarmos mais os nossos irmãos com o peso de nossas idealizações, mas, por estarmos em paz com Deus, estaremos também em paz com aqueles ao nosso redor.

Obviamente, teremos os irmãos mais maduros, amigos que amam o Senhor, e através deles, seremos abençoados. Existem os sábios no meio do povo de Deus que admiramos intensamente, mas isso não deve nos amedrontar de andar na luz, de sermos sinceros a respeito de quem somos por ficarmos inibidos com o exemplo desse homens e mulheres que admiramos. Nossa comunhão não é forjada por amenidades e o manter de uma reputação. Nossa comunhão é através da luz de Deus!

Quero encorajá-lo a ser intencional na luz de Deus. Confesse os seus pecados, abra o seu coração e dê nome aos bois. Não seja genérico em suas confissões, não abra seu coração aos seus irmãos tentando poupar-se dos pensamentos ou do sujar de sua reputação. Mergulhe fundo na luz de Deus. Deixe ela expulsar toda treva de sua vida e, então, passe a experimentar da abundante vontade de Cristo.

Ande com quem te lembra!

Eu preciso reconhecer: não sei onde eu estaria se não fosse pelos homens e mulheres de Deus que estiveram ao meu redor ao longo de minha vida. Digo isso de todo coração. Se não fosse a minha esposa e os da minha família espiritual, eu talvez teria desanimado do ministério ou negociado princípios a fim de desfrutar de alguns privilégios.

Por mais difícil que seja, precisamos admitir que nem sempre estaremos estáveis e com ânimo nas alturas. A nossa fé não está intacta todos os dias e, por essa razão, devemos nos cercar daqueles que nos lembram. Não apenas nos lembram de não errarmos, mas, acima de tudo, iluminam o caminho do “por quê?”.

Em outras palavras, eles nos recordam o porquê começamos, enchem nosso peito de esperança mais uma vez e compartilham paixão aos nossos corações gelados. A família não é apenas um lugar de desenvolvimento, mas de segurança. Sem nenhuma dúvida, sem os meus irmãos em Cristo, eu não estaria escrevendo este livro hoje.

Por favor, querido leitor, ache alguém que ama mais Jesus do que você ama, que ande em santidade e retidão diante de Deus e dos homens e, então, grude nessas pessoas e não solte mais, pois poucas coisas te farão tão bem quanto andar perto dos amigos de Deus.

Ande com pessoas que te lembram! Indivíduos que têm padrões elevados de fé, que abrem as Escrituras todos os dias e que dedicam suas vidas em honra ao Altíssimo. Cerque a sua rotina com aqueles que amam a Presença, que amam a glória da vida comum e que amam a família de Deus, pois melhor do que amar Deus de forma solitária é amá-Lo em família!

PARTE 3

UMA IGREJA ESCATOLÓGICA

À essa altura, estamos caminhando para o fim deste livro - da breve aventura que tem sido compartilhar com vocês o coração de Deus em viver família com Seu povo. Contudo, não podemos concluir essa leitura sem que, juntos, contemplemos a importância da Igreja em ser um estandarte da glória futura (não de maneira passiva, mas viva e gloriosa). Na medida em que a Igreja é o Corpo de Cristo e não apenas uma instituição, o que devemos esperar de sua manifestação é muito mais do que cultos aos fins de semana e conferências nos feriados nacionais.

Reforçando o que já dissemos, A Igreja é uma família (Ef 2:19-20) dotada de autoridade vinda de Deus (Ef 1:22-23), e é por meio dela que o Senhor manifesta a Sua vontade na terra (Ef 3:10-11), sendo o Corpo de Cristo edificado para ser morada de Deus no Espírito (Ef 2:22). Logo, a Igreja tem aplicações poderosíssimas não só nesse tempo, mas também na era vindoura.

Na última parte do livro, gostaria de elevar os nossos olhos ainda mais. O meu desejo é que, juntos, contemplemos a realidade eterna da Igreja, a esperança futura entranhada em nossa vida cotidiana. De fato, não podemos aceitar caminharmos uma vida cristã onde Igreja se tornou meramente uma visita a uma espécie de shopping evangélico onde compramos livros que gostamos, ouvimos canções que gostamos e voltamos para casa sem nenhuma esperança de coisas superiores.

CAPÍTULO 8

ETERNIDADE

A eternidade precisa ser cravada no coração de cada crente para que possamos viver o que estamos sonhando juntos nesse livro. A fim de experimentarmos os prazeres infindáveis da era vindoura, precisamos reposicionar nossos olhares. Estamos aterrados demais em todas as nossas percepções e, por isso, falta poder em nossas ações.

"Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação" (2 Co 4:17). Infelizmente, até mesmo as palavras de Paulo se tornaram, muitas vezes, argumentos vazios para nós. Sem percebermos, tornamos esses versículos um mero alívio da alma para quando estamos passando por dificuldades — algo que, na maioria das vezes, fomos nós mesmos que geramos em nossas vidas.

No entanto, "o fundamento da mentalidade apostólica é a verdadeira compreensão da eternidade, não somente como antecipação de uma alegria futura, mas também uma apropriação presente. Isso é o que torna a Igreja uma entidade peculiar na terra. Perder o significado da eternidade é perder tudo; sem esse sentido, estaremos condenados a ser mundanos e triviais, institucionais e mecânicos, e viveremos algo tedioso e previsível em vez de uma realidade exultante".^[50] É por isso que os escritos apostólicos são repletos de eternidade. Os discípulos de Cristo sabiam que, sem um olhar elevado, estaríamos fadados às demandas desta era caída.

Estamos em uma batalha, pois todas as coisas ao nosso redor estão militando para terem a nossa atenção. Os seriados, as músicas, o estilo de vida de gastos e carros luxuosos. Todas essas coisas estão batalhando pelos nossos sentidos. Como crianças lideradas pelo desejo de comer doces, temos nos comportado como João e Maria,^[51] personagens da famosa história infantil, sendo tragados pelos nossos desejos passageiros, atraídos para dentro de uma armadilha: viver com os olhos no temporário enquanto as coisas eternas nos chamam para mais alto.

Os olhos dos apóstolos estavam tão firmados em uma realidade superior que Paulo trata as tribulações como leves - e não apenas leves, mas momentâneas. A capacidade de observar as coisas eternas transformou a perspectiva dos apóstolos de tal maneira que os fez mais lúcidos do que qualquer outro sábio. Em outras palavras, somente homens de eternidade têm a sabedoria de não negociar o que é eterno por aquilo que passará. De igual maneira, os tolos negociam o

eterno por confortos passageiros.

Art Katz nos ensina: “(...) ou Paulo havia se esvaído de qualquer critério razoável e racional ou ele tinha um padrão sobre o qual sabemos muito pouco; ele considerava o sofrimento redentor em sua vida simplesmente *momentâneo e leve*”.^[52] Obviamente, Paulo tinha outro padrão. E não somente ele, mas todos os apóstolos.^[53]

É perceptível que o padrão apostólico - o de Cristo - é o de homens e mulheres que viviam suas vidas buscando as coisas do alto (Cl 3:1). A esperança desses homens não se esvai apenas nessa vida (1 Co 15:9), mas sim em coisas eternas. Portanto, precisamos romper com o padrão deste século e nos arrepender de vivermos como se esta vida contivesse o propósito total da existência.

Carecemos de arrependimento. Até mesmo as nossas “igrejas” e ministérios têm sido feitos sem nenhuma expectativa pelo que é eterno e glorioso. A eternidade não cativa nossos olhares, a vinda de Cristo e Seu Reino não fazem parte de nossas conversas. A eternidade precisa afetar o nosso presente a ponto de mudar radicalmente tudo o que fazemos e propomos. A lente pela qual enxergamos o mundo precisa ser a eternidade. Fazendo isso, teremos uma seriedade única ao edificarmos a casa de Deus - a Igreja.

"Combate o bom combate da fé. Toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado e de que fizeste a boa confissão perante muitas testemunhas" (1Tm 6:12 - ARA). Quando Paulo escreve ao seu filho na fé, Timóteo, ele aplica a vida eterna não ao futuro, mas sim ao presente. O combate da fé precisa ser feito com base no eterno, isto é, a vida eterna e a consciência da glória futura não devem me tornar uma espécie de sonhador irrelevante, mas sim alguém que milita de maneira correta pela fé.

Somente com a eternidade atingindo todas as áreas de nossas vidas é que poderemos dizer que somos peregrinos nessa terra, ou que a nossa morada está em Deus. Enquanto as coisas superiores não tomarem conta de nossas vidas, dizer tais palavras não passará de vã repetição humana e sem poder.

No entanto, creio que é chegada a hora de nos levantarmos como homens e mulheres que contemplaram uma verdade tão superior a ponto de terem suas vidas possuídas por causas eternas, se tornando, assim, verdadeiras testemunhas, carregando a mensagem cravada em seus corpos e, se necessário, indo até a morte para não negociarem essa verdade.

Se sonhamos com uma Igreja relevante em nosso tempo, precisamos parar de tentar inventar a roda e nos atermos à fé dos apóstolos. Devemos retomar o caminho até o começo. Devemos fechar as portas das concessões com esta era caída e manter nossos olhos abertos para as coisas superiores. Que sejamos chamados de radicais hoje, mas de

A aparição do Senhor - O Evangelho dos Apóstolos

“O verdadeiro senso de eternidade despertará o nosso ser, de forma integral, para uma nova dinâmica de urgência sobre os eventos que são iminentes: a aparição do Senhor, o estabelecimento de seu reino milenar e conclusão apocalíptica dos séculos” - Art Katz^[54]

A citação acima resume de maneira muito pontual o caminho que estamos traçando. A eternidade em nossos corações irá, inevitavelmente, nos conduzir a uma paixão pela segunda vinda de Cristo, pelo seu Reino e consumação desta era. No entanto, poucas coisas causam mais olhares tortos do que falar da segunda vinda de Cristo. Em nossas rotinas de igrejas e ministérios, construímos algo tão “sólido” que O empurramos para fora. Não O aguardamos mais e tratamos o Seu retorno como um assunto para curiosos, extremistas ou apenas um tema na faculdade de teologia.

Nossa falta de expectativa pelo Retorno de Cristo se evidencia na maneira como vivemos nossas vidas: despreziosos e com olhos apenas no salário do próximo mês. Nota-se o nosso desdenho pelo retorno de Jesus na maneira com a qual "fazemos" igreja. Julgamos sucesso com o tamanho de nossos templos e prédios de reuniões. Construímos ministérios esperando que eles durem 40 ou 50 anos, nunca, em nossos planejamentos deixamos o Eterno moldar nossas estruturas a ponto de vivermos uma vida digna do retorno de Jesus. E, com isso, não estou incentivando exageros. Por exemplo: eu não estou dizendo que devemos condenar o uso de prédios para a reunião da igreja local e motivando uma rebeldia que nos leva a exageros e até mesmo, muitas vezes, ao deixarmos de congregar.

Mas qual foi a última vez que valorizamos mais o construir de uma comunidade que vive um estilo de vida "aguardando e esperando ansiosamente a vinda do Dia de Deus" (2 Pe 3:12) do que ministérios rasos e superficiais que visam o crescimento sem propósito? Precisamos admitir que, infelizmente, para muitos de nós a Segunda vinda de Cristo não passa de uma matéria de teologia. Cantamos sobre isso, falamos sobre isso, mas, no fim das contas, estamos vivendo nossas vidas e ministérios sem sentirmos o peso de suas verdades.

Aos irmãos da igreja primitiva, a vinda de Cristo era uma expectativa e não apenas um ensino da escola dominical. Todos eles, conforme estudamos em Atos 2:42, mantinham tudo em comum, até mesmo os seus bens, pois viviam na iminente esperança do Retorno de Seu Rei, Cristo Jesus. Acredite em mim: se queremos ser uma Igreja bíblica, precisamos retomar aos fundamentos apostólicos e proféticos (Ef 2:20). E, se fizermos isso, encontraremos como doutrina vital e no coração da mensagem dos apóstolos e profetas a doutrina da segunda

vinda de Cristo.

A esperança pelo retorno de Jesus é encontrada na Ceia quando Paulo nos lembra que fazemos isso “até que Ele venha” (1 Co 11:26). Isso também é usado como padrão de conduta por Pedro: "Se todas essas coisas serão assim destruídas, que tipo de pessoa deveis ser? Pessoas que vivem em santidade e piedade," (2 Pe 3:11). Da mesma maneira, o autor aos Hebreus nos lembra de nossa Bendita Esperança: "assim também Cristo, oferecendo-se uma só vez para levar os pecados de muitos, aparecerá a segunda vez, não por causa do pecado, mas para a salvação dos que esperam por ele" (Hb 9:28).

Portanto, percebemos que os aspectos da segunda vinda de Cristo são extremamente presentes no ensino dos apóstolos, juntamente, é claro, com os aspectos da primeira vinda, formando, como afirma J. Harrigan, a mensagem do Evangelho: “cruciforme e apocalíptica”.^[55] Cruciforme pelo fato de ser enraizada na obra da Cruz, em que Ele morreu para nos salvar e, como servo sofredor, se humilhou em nosso lugar. Por outro lado, apocalíptica porque esperamos o Seu aparecimento em Glória, onde irá exercer juízo sobre os Seus inimigos, salvar o Seus e reinar sobre a terra.

O testemunho apostólico não pode ser honrado verdadeiramente se nós não nos apegamos firmemente tanto ao caráter cruciforme da mensagem quanto ao caráter escatológico. Se escolhermos somente uma parte do Evangelho, obviamente estaremos nos afastando da verdadeira mensagem e não seremos enraizados nos ensinamentos apostólicos e, por fim, não estaremos construindo, juntamente com Jesus, a Sua Igreja.

Acredito que a mensagem de Pedro em Atos 2:14-36 nos serve de firme exemplo para definirmos a mensagem apostólica da primeira igreja. Em primeiro lugar, o apóstolo inicia dizendo: "o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel", o que demonstra que a pregação apostólica não foi inventada, mas era embasada naquilo que Deus havia dito pelos profetas, deixando claro que Deus não tem a intenção de iniciar uma coisa “nova” pelos discípulos de Jesus, mas, evidentemente, continuar com os Seus planos evidenciados desde Gênesis.

Ao citar a profecia de Joel, Pedro endereça com exatidão o que as suas palavras queriam dizer, pois, ao defender que os homens não estavam bêbados de vinho, mas sim cheios do Espírito, ele argumenta em cima da profecia de Joel (2:1), a qual é um apontamento claro ao Dia do Senhor. Portanto, ao fazer isso, Pedro evidencia que Jesus, de fato, era o Messias, pois somente pelo Messias o Espírito poderia ser derramado, como foi prometido, e assim como está escrito: "Isso aconteceu para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos a promessa do Espírito pela fé." (Gl

3:14).

Tendo usado as palavras proféticas como base para a sua mensagem, Pedro dá continuidade usando a obra da Cruz no calvário e a Sua ressurreição como fatos incontestáveis, já que muitos irmãos haviam avistado o Cristo ressurreto e o Espírito, de fato, havia caído na reunião de Pentecostes. Assim, porque Cristo morreu e ressuscitou, o apóstolo lembra, de maneira brilhante, os judeus que estavam presentes a respeito da profecia de Davi em relação ao Messias: "pois não deixarás a minha vida no túmulo nem permitirás que o teu Santo sofra deterioração." (At 2:27).

Deus havia prometido para Davi^[56] que um dos seus descendentes haveria de sentar no trono e reinar em Jerusalém, e Davi não poderia estar profetizando sobre ele mesmo, já que ele morreu e foi sepultado, e inclusive seu túmulo permanece entre os judeus até hoje. Mas Davi profetizava acerca da ressurreição de Jesus Cristo, seu descendente (At 2:29-31).^[57]

Assim, citando a declaração de Davi sobre Jesus, Pedro exclama: "[...] O Senhor disse ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos como estrado dos teus pés" (At 2:34-35). A pregação apostólica é evidenciada não apenas como uma pregação cruciforme, mas definitivamente apocalíptica, na qual consiste o retorno de Cristo e seu reinado sobre toda a terra.

A mensagem dos apóstolos não era desprovida de finalidade. Não lhes faltava aplicação. Os discípulos de Jesus sabiam exatamente o que queriam. Eles queriam o reino de Deus na terra de maneira literal, onde, de Jerusalém, o filho de Davi - Jesus - reinará e a Sua presença será percebida em toda a terra. A pergunta dos discípulos em Atos 1:6 deixa isso muito claro: "E os que se haviam reunido perguntaram-lhe: Senhor, é este o tempo em que restaurarás o reino para Israel?".

Após passarem quarenta dias com Cristo ressuscitado, em um monte estudando com o melhor dos mestres sobre o reino de Deus, a pergunta dos apóstolos deixa claro que eles criam em um reino literal com centro em Jerusalém, como dito nas profecias. Já que se não fosse assim a pergunta não seria necessária (Is 2:2-5; Am 9:11; Sl 2). Irmãos, ou nos esforçamos para crer que Jesus era um mestre incapaz - mesmo com quarenta dias de explicação - de esclarecer uma dúvida tão central, ou verdadeiramente nos abrimos para essa realidade gloriosa.

Portanto, a mensagem apostólica tinha um destino. Os discípulos de Cristo não estavam apenas entretendo a igreja, mas entregando a mensagem completa. Essa mensagem não era vazia, mas cheia de vida e de poder do Espírito. Desta forma, creio que a Igreja apostólica e a sua mensagem são: cruciforme, carismática e apocalíptica.

A pregação de Pedro nos traça um padrão robusto: o antigo pescador nos elucida as profecias bíblicas do Dia do Senhor (At 2:16; Jl 2:1),

com a presença do Espírito confirmando a Sua mensagem (At 2:4), e declara a salvação pela fé na obra da Cruz (At 2:22-24; 38-39), e ao mesmo tempo, deixa claro, que aqueles que não estiverem em Cristo serão abalados naquele Dia (At 2:19-20; At 2:35). Por fim, destina toda a esperança e força da Igreja ao Reino de Jesus (At 2:21; At 2:29-35), a bendita esperança de Sua segunda vinda, quando os Seus inimigos serão humilhados (At 2:34-35; Sl 2; Is 63), nós seremos redimidos em nosso corpo (At 2:38-39; Fp 3:10-11; Rm 8:23) e a Sua presença será viva em toda a terra (Hb 2:14; Ap 21).

CAPÍTULO 9

MANIFESTANDO A VONTADE DE DEUS AOS PRINCIPADOS E POTESTADES

A Igreja é uma ameaça real aos padrões deste século. Desde Atos até os dias de hoje, os reis deste mundo não se irritam com intuições domingueiras, mas sim com a Igreja poderosa de Cristo, a qual vive em uma perspectiva eterna: aguardando um Reino inabalável.

A mensagem apostólica incomodava não pelos sinais e maravilhas em si, mas, acima de tudo, pela profissão de fé e esperança em Cristo, o Rei Judeu. Em outras palavras, a mensagem e vida dos apóstolos era um risco iminente para a agenda de governo dos reis da terra e dos governadores (potestades) do ar. Por isso, eram tão perseguidos e odiados, e, assim, "foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra" (Hb 11:37-38).

Como nos ensina David Silker em seu livro - *A fúria das nações* - existe uma resistência nesta era aos ensinamentos de Cristo, como Rei:^[58]

“Seres humanos pecadores têm problema principalmente com essas duas ideias na Bíblia: o homem está sujeito a Deus (Deus é Rei), e o homem presta contas a Ele (Deus é Juiz). É por isso que muitas pessoas buscam tornar Jesus apenas um mestre ou um sábio. Uma pessoa pode respeitar e apreciar um sábio sem entregar a sua vida a ele. Enquanto admiram o bom mestre, as pessoas podem prestar contas à outra coisa (até a elas próprias). Se Jesus fosse apenas um homem e um mestre, então as pessoas sentiriam que ainda podem viver como desejam. Mas chamar Jesus de Rei e Juiz significa que precisam lidar com Ele. Precisamos viver como Ele deseja e prestar contas a Ele caso contrário.

Contudo, nem toda a fúria dos inimigos de Deus pode parar a Igreja de Jesus, pois ela foi escolhida para manifestar a vontade de Deus nesta era. Leia: "para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais" (Ef 3:10). Portanto, "Deus tem um propósito eterno que deve revolucionar toda a nossa perspectiva sobre a fé. Ele tem um propósito que existe única e exclusivamente para satisfação de seu coração. Além disso, esse propósito é tão importante para Deus que ele criou todas as coisas para esse fim e para que uma entidade chamada Igreja fosse seu agente de gestão e cumprimento desse propósito".^[59]

Tendo em vista este glorioso propósito da Igreja, seria uma "distorção

grotesca”^[60] assumirmos que a Igreja existe para satisfazer desejos humanos ou para melhorar nossas vidas. Até que a Igreja não se identifique mais desta maneira, estaremos longe de viver o seu poder e glória, e continuaremos presos em nossos programas eclesiásticos. Por outro lado, a proposta apostólica é uma igreja forte, que resiste aos padrões deste mundo e manifesta uma militância escatológica aos governantes das regiões celestiais. Como Paulo nos escreve em Efésios, estamos em uma batalha e Deus nos escolheu como propagadores de Seu glorioso plano aos principados e potestades. Saiba que estamos em guerra, e se não nos encaixamos no propósito de Deus de maneira apostólica e profética, tendo em nós o encarnar da mensagem bíblica, iremos falhar.

"Pensar que podemos derrotar as potestades gritando "em nome de Jesus" enquanto continuamos buscando os nossos próprios interesses é uma total contradição. As potestades do ar ficam muito satisfeitas quando nos limitamos a falar sobre os conceitos bíblicos. Contudo, quando elas veem autenticidade de uma vida e caráter crucificados nos cristãos, ou seja, o poder da ressurreição que flui do próprio Deus em sua natureza, elas fogem aterrorizadas. As potestades reconhecerão somente aqueles em que virem a sabedoria de Deus como o inabalável fundamento de sua vida."^[61]

Na prática, creio que a Igreja escatológica diz respeito àqueles que vivem o inconformismo de Romanos 12, em que “tanto o escapismo quanto o conformismo são proibidos para nós”.^[62] Não desejamos nos parecer como este século, e todas as nossas atitudes anunciam uma glória futura, nossos padrões de pensamento e estilo de vida são contrários ao espírito desta era - e não nos envergonhamos disso.

Sabemos que o espírito do anticristo (1 Jo 2:18) já opera em nossos dias militando contra o testemunho de Cristo, militando contra os padrões estampados no Sermão do Monte. Portanto, a verdadeira guerra não ocorre nos cultos de libertação que fazemos,^[63] mas nas bases que fundamentam nossa existência. Como escreveu o apóstolo João, "Vede que grande amor o Pai nos tem concedido, o de sermos chamados filhos de Deus, o que realmente somos. Por isso o mundo não nos conhece, porque não o conheceu." (1 Jo 3:1).

Logo, compreendemos que se temos tido os mesmos padrões de sucesso que uma empresa secular tem, estamos nos conformando com esta era e, assim, não estamos cumprindo o nosso papel de anunciar a sabedoria de Deus às potestades. Se a nossa mensagem é cruciforme, carismática e apocalíptica, assim precisa ser a nossa vida.

A sabedoria de Deus, portanto, se manifesta em uma Igreja crucificada, de pessoas que não procuram ganhar suas próprias vidas, mas, de fato, perdê-las. Pense comigo: em todos os domingos, temos ensinado aos membros de nossa comunidade a maneira deles ganharem suas vidas; procuramos na internet pregações que nos façam sentir um alívio para nossas dores morais. Deveríamos ser aliviados? Creio que sim. Porém, não por mensagens que aliviam o ego, mas sim

pela cruz!

O caráter cruciforme não deve estar apenas na mensagem, ele precisa estar, principalmente, em nossas vidas. Perdoar os que nos ofendem, servir com graça e misericórdia os nossos inimigos e ser os menores de nossos irmãos - essa é a sabedoria de Deus. Cristo em um madeiro foi a sabedoria de Deus para vencer o pecado.^[64]

Da mesma forma, se somos carismáticos, temos o poder da ressurreição através da nova natureza. Temos os dons do Espírito em nossas comunidades e isso deveria nos fazer valorizar a Sua presença mais do que qualquer outro evento de nossas igrejas ou mundo. Nossas famílias deveriam ser ensinadas a se reunir em oração, leitura da palavra e comunhão, e não a se reunir ao redor das redes sociais e televisão.

As doenças de nossas casas deveriam ser desafiadas, em primeiro lugar, pelas nossas orações e depois pelos remédios. De maneira nenhuma estou me colocando contrário à medicina, mas precisamos aprender, como a Igreja que crê no poder de Deus, a colocar os padrões celestiais em primeiro lugar. Sem dúvida, é o fator escatológico de nossa mensagem que dará destino para a vida de igreja que iremos viver.

É a esperança escatológica, o caráter cruciforme e poder carismático em nossa mensagem o que realmente desafia o espírito desta era e nos dar real propósito neste tempo. O anseio e a certeza de que veremos um Reino inabalável são o que fazem os governantes deste tempo tremerem e rangerem os dentes de raiva, pois enquanto os principados e potestades estão ensinando que casamento e família são padrões ultrapassados, nossos jovens continuam casando com vinte e poucos anos de idade, tendo filhos e gastando suas vidas no campo missionário.

Enquanto o desejo da carne domina os filhos da perdição, aqueles que anseiam pelo retorno de Jesus purificam a si mesmos, já que se apaixonaram de maneira tão profunda pela eternidade e pela glória futura que suas vidas presentes passaram a experimentar de um vislumbre do que virá. Então, nos tornamos a Igreja que assusta as potestades do ar. Não porque sabemos orar com palavras exuberantes, mas porque submetemos toda a nossa realidade ao padrão do Reino vindouro, aguardando isso com tamanho zelo de forma que nos impulsiona a viver o agora como se esse Reino já fosse presente.

Esse poder não pode ser desfrutado e anunciado por uma instituição domingueira. Por exemplo: as feridas raciais de um jovem que cresceu sendo subjugado pela cor de sua pele nunca poderão ser totalmente curadas por um programa institucional de representatividade. Somente o amor furioso de Deus fluindo em uma comunidade - família - de pessoas crucificadas, vivas no Espírito e esperançosas pelo reino

perfeito do Filho, pode curar essa ferida. Uma igreja multirracial, étnica, social e cultural não pode ser construída a partir de nossas ideias e programas de engajamento. Ela precisa ser feita na cruz, pelo Espírito e à luz do Reino de Deus, que pertence a pessoas de "toda tribo, língua, povo e nação" (Ap 5:9-10).

Portanto, irmão, embora não devamos ser como pessoas descoladas da realidade social onde estamos,^[65] a nossa esperança não está na próxima eleição ou emprego que nos prometeram. O nosso Deus ri da sabedoria dos reis da terra (Sl 2:4). Ele rejeita a face dos soberbos e gananciosos governantes desta era (Is 2:11). Queridos, a Igreja que manifesta a vontade de Deus insiste na exortação de Paulo: *"Eu te exorto diante de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos, pela sua vinda e pelo seu reino, prega a palavra, insiste a tempo e fora de tempo, aconselha, repreende e exorta com toda paciência e ensino."* (2 Tm 4:1-2).

Crendo que Deus irá julgar vivos e mortos e que o Seu Reino virá e será inabalável, nos apegamos na palavra, pregamos e vivemos ela até que Ele venha. Nisso encontramos o verdadeiro poder apostólico e profético: permanecer nas palavras do começo (1 Jo 2:24,25), insistir nas verdades imutáveis, pois Aquele que prometeu é fiel para cumprir (Hb 10:23) e, assim como nos dias de Noé,^[66] quando a chuva começou a cair, será tarde demais. Por isso, como nos ensina o salmista, "beijem o Filho", pois quando ele se levantar para julgar, ninguém poderá pará-lo.

Salmos 2 narra a trajetória daqueles que decidem viver pelo espírito desta era: reis e governantes de nações que vivem a seu bel-prazer e que também conspiram contra Deus e contra o Filho. Eles decidiram viver submetidos aos privilégios desta era e estão tão cegos por causa de sua ganância que não são capazes de enxergar a glória do Reino de Cristo. Estão tão perdidos os que conjuram contra o Senhor!

A resposta de Deus vem com o desprezo Daquele que não pode ser comparado: "Aquele que está sentado nos céus se ri; o Senhor zomba deles."^[67] Em tempo oportuno, Deus irá responder aos que se rebelaram contra Ele, e a Sua resposta será o reino milenar de Jesus Cristo, o Filho prometido, que "com vara de ferro as regerás - as nações - e as despedaçarás como um vaso de oleiro". Ele mesmo, o Messias, em sua segunda vinda, vingará a iniquidade e maldade dos reis deste século.

Por fim, Salmos 2 termina com um convite: "Agora, ó reis, sede prudentes; juízes da terra, acolhei a advertência. Cultuai o Senhor com temor e regozijai-vos com tremor" (verso 10 e 11). Notamos um aviso do Salmista: um convocar de Deus ao arrependimento e à humildade de coração. O convite continua com uma advertência final: "Beijai o filho para que ele não se irrite, e não sejais destruídos no caminho;

porque em breve sua ira se acenderá. Bem-aventurados todos os que confiam nele” (verso 12). Beijai o Filho! É a resposta doce, porém, amarga que o salmista propõe. Doce pois há um caminho para os que se arrependem; por outro lado, amarga porque o Filho, quando inflamar-se em ira, não retrocederá em Sua vontade.

Haja vista o cenário de Salmos 2, acredito que a Igreja de Cristo que desafia o espírito do anticristo é aquela que encarna a mensagem deste Salmo. Ela é diferente dos orgulhosos e gananciosos reis desta era. Ela não está tapando seus ouvidos e se enchendo de desatenção com programações vazias. A Igreja poderosa de Cristo está dedicada em beijar o Filho, honrar a Sua mensagem, aprender Dele. E, por isso, é odiada pelos principados e potestades, pois a existência desta Igreja é um pré anúncio de juízo aos sistemas caídos deste mundo!

CAPÍTULO 10

HONRANDO A PRESENÇA

Precisamos falar sobre a glória de Deus em nossas comunidades locais. Como parte da natureza da Igreja, encontra-se o chamado para ser "habitação de Deus no Espírito" (Ef 2:22). Creio que, ao dizer "habitação de Deus no Espírito", Paulo esteja falando especificamente da habitação de Cristo em nossos corações pela adoção de filhos. No entanto, também creio que essa habitação do Espírito possa ser evidenciada onde temos uma cultura de honra de Sua presença objetiva, assim como aconteceu em Atos 2.

Embora os discípulos tenham experimentado do batismo do Espírito Santo pelo próprio Jesus, em João 20, mesmo assim, o próprio Jesus em Atos 1 os ensinou e incentivou a esperarem pelo poder do alto que aconteceria pela descida do Espírito Santo sobre aqueles homens. Isso não aconteceu apenas em Atos 2, mas se repetiu em Atos 4 e 8, e por todo o livro de Atos. Portanto, notamos a presença de Deus como um padrão da Igreja^[68] de Cristo!

Porém, ao me referir às visitas do Espírito de Deus, refiro-me especificamente ao avivamento.^[69] Infelizmente, percebo que muitos têm medo de usar tal palavra como se fosse algum tipo de erro teológico, ou, na verdade, estamos tão satisfeitos com nossos cultos que já nem mesmo desejamos mais de Deus. Acredito que esse é um erro terrível que cometemos contra o Espírito de Deus e contra a Igreja de Cristo. Como diz Francis Chan, "quando se trata de referência do sucesso nos cultos das igrejas, a importância da frequência superou a ação do Espírito Santo."^[70]

Avivamento e anseio por mais da presença de Deus deveriam ser parte da cultura de nossas igrejas locais, pois, de fato, o anseio pelo mover poderoso do Espírito Santo era extremamente presente na vida dos primeiros crentes. Por desejarem ardentemente o retorno de Jesus, a Sua glória futura e habitação com Seu povo, os discípulos eram comprometidos com a pregação do Evangelho de maneira extremamente zelosa e, juntamente com isso, cultivavam o desejo pelo derramar do Espírito em suas reuniões, a fim de que pudessem pregar pelo poder de Deus.

No entanto, devemos fazer um breve esclarecimento aqui. Creio que existam três aplicações da presença de Deus na Igreja. Em primeiro lugar, o desejo pela Sua presença em meio ao Seu povo de maneira eterna, objetiva e gloriosa, a qual acontecerá após a segunda vinda de Cristo Jesus (Ap 21:3). Em segundo lugar, a presença de Deus em

nosso interior pelo Espírito de Deus,^[71] nosso selo pelo qual podemos nos mover nos dons, conhecer o Senhor e experimentarmos manifestações em nossas reuniões. E, por último, o que chamo de avivamento,^[72] que são momentos atípicos de hospedagem de Deus sobre uma região e/ou igrejas, como aconteceu em todo o livro de Atos.

Portanto, estou convencido que, por sermos um povo que está se preparando para se encontrar com Cristo em Seu segundo advento e, por fim, habitar com Deus eternamente na terra, devemos ser como disse anteriormente: um povo escatológico. Entretanto, de fato, seria impossível sermos escatológicos se não temos evidências do poder do Espírito em nosso meio, como conversado anteriormente é o Espírito de Deus que testifica em nós, e para aqueles que não creem em Cristo que as palavras da profecia são verdadeiras. Contudo, não podemos rebaixar a manifestação do Espírito em nós a apenas momentos de oração ou de boa pregação do evangelho. A vida normal da igreja de Atos não era desprovida do poder que vinha do interior!

Não creio que dons, sinais, curas, êxtase e cultos de muitas horas de duração sejam avivamento. Sinceramente, creio que o nome disso deveria ser: vida normal da Igreja. Logo, a vida normal da Igreja pelo Espírito que habita em nós é escatológica em sua doutrina e viva em sua manifestação de poder, já que, de fato, era assim que os apóstolos se moviam (1 Co 2:4). A convicção daquilo que havia sido dado pela nova natureza^[73] os movia de maneira fervorosa, cheios de autoridade do Espírito.

Perceba o quão desafiador é entrarmos nessa verdade, pois isso irá nos desafiar a não somente termos um caráter reto que aponta para o sermão do monte de Jesus, mas também a manifestar obras do poder do Espírito. Não podemos nos esconder nem em um e nem em outro. Não conseguiremos ser homens de caráter reto, mas sem poder do Espírito. Do mesmo modo, não conseguiremos ser homens de muitas manifestações dos dons do Espírito sem que haja caráter de Cristo em nós. Essa é a verdadeira Igreja. Somente uma comunidade que tem isso em mente poderá se sustentar até o fim.

Porém, não podemos acreditar que podemos fazer isso sem uma intervenção objetiva do Espírito de Deus. Precisamos nos lembrar incessantemente daquilo que Jesus disse aos discípulos em Atos 1:8: “recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas”. Deste modo, carecemos desse poder que desce sobre a Igreja, e a isso damos o nome de avivamento.^[74]

Meu coração está convencido de que a prática dos dons do Espírito na igreja do primeiro século era tão presente quanto a prática da oração para que Deus enviasse^[75] mais poder do alto. A Igreja tem como DNA o clamor por avivamento, o clamor por poder que desce do céu. Como

aprendemos em Atos, pelas palavras de Jesus, o poder do testemunho vem da magnitude do derramar do Espírito de Deus; por isso, a Igreja do primeiro século mantinha viva a fome por avivamento!

Sinceramente, não encontro argumentos para crermos em uma Igreja sem a expectativa da presença futura de Deus, sem o agir do Espírito em nós pelos dons e o clamor por estações de avivamento. Somente uma Igreja que ama a Sua presença pode ser testemunha de Cristo por entre as nações. Não há outra opção para nós. Contudo, como ainda não vivemos o Dia do Senhor mas sabemos que a Sua vinda está próxima, não nos apoiamos em nossa própria força mas declaramos que carecemos de um avivamento!

Senhor Jesus, eu oro para que, de maneira surpreendente, os leitores que estão segurando este livro em mãos sejam invadidos por um amor inexplicável pela Sua presença!

Espírito Santo, engaje os meus irmãos no clamor “maranata”!

Espírito Santo, desperta-nos, envie avivamento!

Em nome de Jesus, amém!

CONCLUSÃO

Com grande alegria, caminho para as últimas páginas deste projeto “Andando com Deus”. Longe de ser algo vazio de significado, garanto que essas obras extraíram vida de mim. Em alguns momentos, as palavras que escrevi me confrontaram tanto que precisei abandonar a escrita. De igual maneira, em alguns momentos, posso dizer que senti o favor de Deus e ajuda do amigo Espírito Santo.

Por desejar compartilhar os três mais importantes aspectos de minha caminhada com o Senhor, eu fui revisitado e encorajado a prosseguir em direção às coisas superiores que Deus tem ao seu povo.

Juntos, concluímos que, sem *fome por Deus*, pouco podemos fazer e experimentar do Senhor. Na verdade, compreendemos pela *renovação de mente* que fome é aquilo que somos. Discipular os nossos anseios conformando esses às Escrituras é o que, de fato, nos transforma e nos faz mais parecidos com Cristo. Não existe vida em Cristo sem fome. De igual modo, não conseguiremos desfrutar de transformação em nossas vidas se não formos iluminados em nossa mente pelo Espírito.

Permeando todos os nossos assuntos, o caráter de Deus e seu desejo em estar com Seu povo foram o fundamento pelo qual construímos esta obra *Andando com Deus*. O final de nossa existência se resume em estar com Ele, glorificá-Lo e desfrutar de Sua Glória. No entanto, neste último livro, fomos desafiados a entender que o Evangelho sem a família não tem aplicação e destino.

Considerar uma caminhada com Deus sem entender o Seu desejo por um povo seria, na verdade, prosseguir em direção ao nosso próprio deus e evangelho. Deus é uma família e o Seu desejo é estender essa realidade sobre toda a realidade criada. Dessa forma, andar com Deus tem aplicações pessoais, mas, sem dúvida, precisa ter fim na comunidade, onde, juntos, estamos nos tornando o Seu povo!

Portanto, minha caminhada não é solitária. Ela não se resume aos cultos de domingo. Família é comunhão - que, por sua vez, é um mistério. A realidade comunitária que Deus deseja gerar em Seu povo é, de fato, uma expressão do que Ele mesmo vive em si - na Trindade - e desta maneira manifestar aos poderes desta era que Seu Filho, Jesus, em breve virá e Reinará sobre toda a terra!

Assim como lemos no livro de Atos, o Senhor deseja levantar uma Igreja cruciforme, carismática e apocalíptica em sua mensagem e vida. O anseio pela eternidade será nossa fascinação, e o derramar do Espírito, a Presença, será nossa maior estratégia. Não satisfeitos com aplausos humanos, o Espírito está gerando uma Igreja que não se

dobrará para este século,mas caminhará em poder e esperança até que Ele venha!

"A ele seja a glória na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém." (Efésios 3:21)

POSFÁCIO

Fico feliz que você tenha lido sobre essa mensagem que mudou nossas vidas, e acredito que ela tem poder suficiente para mudar a sua vida e a de tantas outras famílias também. As famílias têm sido arduamente atacadas porque o inimigo sabe que, se ele destruir uma família, ele desestabiliza o ser humano.

Assim como o Alê disse no começo do livro, cremos que a família é o meio pelo qual Deus se manifesta nesta era, e é por isso que o Diabo tem investido sua força em destruí-la e enfraquecê-la: para que Deus não seja manifestado.

Ainda bem que o nosso Senhor tem "doutorado" em restauração de famílias. Ele pode fazer com que indivíduos quebrados, que cresceram sem pai, mãe - ou ambos -, que foram abusados, abandonados, rejeitados ou agredidos, se tornem novas criaturas.

Este mundo tem nos ensinado que casar e ter filhos são perdas de tempo, que a submissão da mulher, nos padrões bíblicos, é errada, e sabemos que, na verdade, a família é um princípio bíblico e que nossos valores cristãos não devem ser negociados, porém, inconscientemente, essa deturpação presente em nossa geração tem alcançado nossos corações.

E uma vez que nossa família natural está desestruturada, como ela pode ser um padrão para a família espiritual? Como eu posso chamar o meu amigo da Igreja de irmão se eu odeio meu irmão de sangue? Essa é a razão pela qual esse livro é tão importante: trazer de volta a importância do assunto família e levar para a Igreja esse padrão de relacionamento que Deus estabeleceu.

Se vivermos família em nossas igrejas locais, isso escorrerá para as nossas casas e vice-versa.

Eu me lembro quando essa mensagem me moeu pela primeira vez. Nós estávamos no primeiro ano de ministério e eu estava cansada de “viver família” com as pessoas da igreja, era cansativo: eles estavam sempre na minha casa, comendo minha comida, invadindo minha “bolha egoísta”... até que eu entrei em crise. Naquele período, eu estava grávida de seis meses de nossa filha Maria Luiza e chorava por não ter espaço naquele pequeno apartamento para montar um berço, já que, no outro cômodo, estávamos recebendo duas ovelhas que moravam com a gente.

Naquele momento, eu só pensava, de modo egoísta, que eles estavam tirando o espaço da minha família “natural”. Eu ainda não

havia aprendido o real sentido de família espiritual, e aquilo ainda descia seco para mim.

Nessa mesma época, nós mudamos de cidade para sermos pastoreados. Porém, estávamos longe das pessoas da nossa igreja. As viagens do Alê só aumentavam e, mesmo havendo pessoas da igreja local por perto, eu sentia falta do pessoal da Igreja ONE “muvucando” minha casa.

Chorei por vários dias me sentindo “sozinha” e pedi perdão ao Senhor por ter sido egoísta e por ter reclamado de estar cercada de pessoas. Isso era o que eu mais queria naquele momento: estar com a casa cheia.

Logo após o nascimento da Malu, fui batizada por um amor sobrenatural não só por ela, mas pelas pessoas. Eu olhava para ela e sentia um nó na garganta de tanto amor. Os meus olhos ficavam marejados e o Espírito Santo me soprava essas palavras: “Esse amor que você sente por ela, eu sinto ainda mais pela Igreja”. E eu passei a amar verdadeiramente as pessoas assim como eu amo minhas filhas.

Nós mudamos de cidade e fomos para o Rio de Janeiro, local onde estava começando outra igreja ONE. Eu desejei mais do que tudo estar com aquelas pessoas e recebê-las em minha casa. Eu entendi que realmente somos parte da mesma família, e passei a provar de um amor pelas pessoas que dói no meu peito. Eu já não me importava mais se eles bagunçavam a minha casa ou se comiam a minha comida. O importante é que estávamos juntos. Houve e sempre haverá muita renúncia, muita cruz para se viver família, mas a recompensa é o próprio Senhor em nós e em nossas comunidades.

Hoje eu posso dizer que é até estranho quando estamos sozinhos, pois há anos vivemos uma vida em comunidade. E eu nem sei - e nem quero - viver de outro jeito.

A vida em família na igreja me alimenta, me cura, me liberta, me afia. No Corpo de Cristo flui vida, união, autoridade, e tantas outras coisas.

Como o Alê mencionou em um dos últimos capítulos, os irmãos em Atos 2 não estavam reunidos apenas pela doutrina, mas pela comunhão. Eles eram intencionais em estar juntos. Eles não se viam apenas no domingo como nós, muitas vezes, fazemos. Eles permaneciam em comunhão constantemente. Eles tinham TUDO em comum: o pão, a oração, o discipulado, os recursos, a comunhão e a doutrina.

Como eu e você podemos viver uma igreja diferente disso? Não há como! Uma igreja viva necessita de todos esses pontos acima. Deus deseja ser família com um povo de todas as tribos, nações e línguas. Ele virá habitar em nosso meio.

Meu mais profundo desejo é que você prove disso e seja

atingido por essa mensagem.

Deus faz com que o solitário viva em família (Salmos 68:6)!

Brunna Vilas Boas

Esposa do Alessandro Vilas Boas

Pastora na Igreja ONE

Fundadora do The Good Villages

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, M.; KILPATRICK, J. e SPARKS, L. *O fogo que nunca dorme: chaves para sustentar o avivamento pessoal*. Rio de Janeiro: Themelios, 2022.
- CHAN, F. e YANKOSKI, D. *O Deus esquecido: revertendo nossa trágica negligência para com o Espírito Santo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.
- DUQUE, M. *Avivamento: uma perspectiva profética do mover de Deus*. São Paulo: Impacto, 2022.
- DUVALL, J. S. e HAYS, J. D. *God's Relational Presence: the cohesive center of biblical theology*. Grand Rapids: Baker Academy, 2019.
- FOX, J. *O Livro dos Mártires*. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.
- HARRIGAN, J. P. *The Gospel of Christ Crucified: a theology of suffering before glory*. Fayetteville: Paroikos Publishing, 2019.
- HUMPHREY, B. *Conhecer a Deus: como a intimidade com Deus muda todas as coisas*. São Paulo: Impacto, 2019.
- JOHNSON, J. *Casas de Glória: estratégias proféticas para entrarmos na nova estação*. Rio de Janeiro: Themelios, 2021.
- KATZ, A. *Fundamentos Apostólicos*. São Paulo: Editora Impacto, 2020.
- KATZ, A. *True Fellowship: church as community*. Burning Bush Press, 2009.
- KIDNER, D. *Introdução e Comentário Aos Livros I e II dos Salmos (Vol. I)*. São Paulo: Vida Nova, 1980.
- LOPES, H. D. *Filipenses: a alegria triunfante no meio das provas*. São Paulo: Hagnos, 2007.
- MADUREIRA, J. *O custo do discipulado: a doutrina da imitação de Cristo*. São José dos Campos (SP): Fiel, 2019.
- MARSHALL, J. H. *Atos: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1982.
- MURRAY, A. *Com Cristo na escola da oração*. São Paulo: Clássicos, 2009.
- PACKER, J.I. *O conhecimento de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- PIPER, J. *Pense*. São José dos Campos (SP): Fiel, 2011.
- PIPER, J. *The Pleasures of God: Meditations on God's Delight in Being God*. Portland: Multnomah Press, 1991.
- RICHARDSON, J. *Quando um judeu governar o mundo*. São Paulo: Impacto, 2019.
- SILKER, D. *A fúria das nações: oração, promessa e poder em uma era anti-cristã*. Vitória: Base Livros, 2021.
- SORGE, B. *A Cruz: o modelo para sua vida com Deus*. Rio de Janeiro:

Themelios, 2021.

STOTT, J. *O discípulo radical*. Viçosa (MG): Ultimato, 2011.

TOZER, A. W. *A vida crucificada: como viver uma experiência cristã mais profunda*. São Paulo: Editora Vida, 2013.

VIEIRA, V. *Andando na luz*. Vitória: Base Livros, 2019.

VILAS BOAS, A. *Jesus, um Pai de família*. São José dos Campos (SP): Doma, 2020.

WHITEFIELD, S. *Tudo será consumado: trazendo sentido ao retorno de Jesus*. São Paulo: Impacto, 2020.

[1] *Fome por Deus* (2022), escrito por Alessandro Vilas Boas, publicado pela Editora Themelios.

[2] DUQUE, M. *Avivamento: uma perspectiva profética do mover de Deus*. São Paulo: Impacto,

2022, p. 39. [3] STOTT, J. *O discípulo radical*. Viçosa (MG): Ultimato, 2011, p. 15. [4]

HUMPHREY, B. *Conhecer a Deus: como a intimidade com Deus muda todas as coisas*. São Paulo:

Impacto, 2019, p. 13. [5] *Renovação de Mente* (2022), escrito por Alessandro Vilas Boas,

publicado pela Editora Themelios. [6] VILAS BOAS, A. *Quem é Jesus*. São José dos Campos

(SP): Doma, 2019, p. 103. [7] PACKER, J.I. *O conhecimento de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã,

2014, p. 31. [8] Idem, p. 19. [9] Trata-se de uma doutrina elementar, citada no reconhecido

"Credo apostólico", que foi criado e consolidado nos primeiros séculos da era cristã para resumir nossa fé: "Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra. Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao mundo dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia; subiu ao céu; está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja de Cristo, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém." (VILAS BOAS, A. *Jesus, um Pai de família*. São José dos Campos (SP): Doma, 2020, p. 20.) [10] PIPER, J. *Pense*. São José dos Campos (SP):

Fiel, 2011, p. 51. [11] Idem, p. 52. [12] "Por toda a eternidade, mesmo antes de haver quaisquer seres humanos para amar, Deus tem sido excessivamente feliz em seu amor pelo Filho, Ele nunca se sentiu só. Ele sempre se regozijou, com satisfação transbordante, na glória e na parceria do seu Filho." (PIPER, J. *The Pleasures of God*. Portland: Multnomah Press, 1991, p.

48, tradução nossa). [13] Um termo usado para definir o dinamismo da relação entre Pai, Filho

e Espírito Santo. Em um de seus principais usos práticos, a pericorese definia uma dança de

roda. Mais especificamente, um tipo de dança que crianças faziam, geralmente em roda, de

mãos dadas. Um integrante da brincadeira ficava no meio, enquanto o restante dançava ao

seu redor, até que acontecia uma troca. A profundidade desse relacionamento é a intimidade,

porque o movimento dos três forma um só. Eles se relacionam harmoniosamente, como em

uma dança. Há compasso, ritmo contínuo e um vínculo de amor. [14] DUVALL, J. S. e HAYS,

J. D. *God's Relational Presence: the cohesive center of biblical theology*. Grand Rapids: Baker

Academy, 2019, p.1, tradução nossa. [15] A formação da humanidade, pelas próprias mãos de

Deus, enfatiza não apenas a autoridade de Deus, mas também sua proximidade com o ser

criado, como afirmou Bonhoeffer (BONHOEFFER, D. *Creation and Fall*. p. 46 apud DUVALL, J.

S. e HAYS, J. D. *God's Relational Presence: the cohesive center of biblical theology*. Grand Rapids:

Baker Academy, 2019, p.15). [16] HARRIGAN, J. P. *The Gospel of Christ Crucified: a theology of*

suffering before glory. Fayetteville: Paroikos Publishing, 2019, p. 26-27, tradução nossa. [17] "A

palavra salvadora de Deus, no entanto, era suficiente para cobrir toda falha dos mortais.

Junto aos temas de pecado-julgamento, veio uma palavra nova, com respeito a uma 'semente'

(Gn 3:15), uma raça entre a qual Deus habitaria (9:27), e a bênção daquilo que futuramente

Paulo chamaria de 'boas novas' do evangelho (Gl 3:8) oferecidas a cada nação sobre a face da

terra (Gn 12:3)." (KAISER Jr., W. *O plano da promessa de Deus: teologia bíblica do Antigo e Novo*

Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 46.) [18] Analisando o verso de Gn 9:25-27

percebemos que o sujeito do verbo “habite ele” é Deus e não Jafé, pois presume-se que o sujeito da oração anterior continue a oração seguinte quando o sujeito é oculto. Com isso, percebemos uma promessa direta de Deus para habitar nas tendas de Sem, o que viria ser os Semitas e portanto Israel. Como ensina Kaiser: “O plano da profecia inteira parece dedicar apenas a primeira parte a Canaã, a segunda a Sem e Canaã, e a terceira a todos os três irmãos. No cômputo geral, portanto, a melhor opção é considerar que Deus prometeu a Sem uma bênção especial. Ele mesmo habitaria entre os povos semíticos. A palavra empregada para “habitar” se relaciona com o conceito posterior da teologia mosaica da glória ‘chequiná’ de Deus, pela qual a presença de Deus por sobre o tabernáculo foi evidenciada pela coluna de nuvem de dia e o pilar de fogo de noite.” (Idem, p.45). [19] SORGE, B. *A Cruz: o modelo para sua vida com Deus*. Rio de Janeiro: Themelios, 2021, p. 11. [20] “Na mesma cruz que reconciliou o homem com Deus, Jesus ligou o homem ao homem. Um discípulo, então, adota a mãe de Jesus como sua mãe, unidos não por consanguinidade, mas pelo sangue do Cordeiro de Deus. Uma família espiritual, na qual o cuidado não se estabelece distante nem mediante funções, mas por relacionamento, como de um filho para com sua mãe. O cuidado se estabelece não como de líder superior e inalcançável para com um discípulo miserável, mas como um filho que se dispõe a cuidar de sua mãe - a resposta de João não foi de “liderar” a mãe de Jesus, mas de levá-la à sua casa, como família.” (VILAS BOAS, A. *Jesus, um Pai de família*. São José dos Campos (SP): Doma, 2020, p. 53). [21] TOZER, A. W. *A vida crucificada: como viver uma experiência cristã mais profunda*. São Paulo: Editora Vida, 2013, p. 18. [22] KATZ, A. *True Fellowship: church as community*. Burning Bush Press, 2019, p. 34, tradução nossa. [23] Vale a ressalva de que não estou dizendo que, para uma igreja ser bíblica, ela deve ser “desinstitucionalizada” em todas as coisas, como, por exemplo: não ter um lugar de reunião ou um CNPJ, como se a ausência desses elementos a fizesse, automaticamente, uma igreja bíblica. A verdade é que eu mesmo sou pastor de uma igreja que possui CNPJ e prédios com luzes, palcos e bandas. Acredito, portanto, que o fundamento precisa ser Cristo e a natureza da Igreja é familiar, seja em um prédio ou em uma casa. Se carecemos do verdadeiro fundamento, podemos seguir todos os “padrões” que nos parecem certos e, no fim, falharemos. Proponho a sensatez, onde os valores e princípios bíblicos de comunhão são inegociáveis para nossas igrejas, mas, ao mesmo tempo, a leveza de compreender que, da mesma maneira como Paulo usava de artefatos culturais de Roma para anunciar o evangelho, podemos igualmente adaptar elementos (que são passíveis de adaptação) ao nosso tempo. [24] Vemos em Gênesis 12 o claro desejo salvífico de Deus pelas nações da terra. Como nos ensina Samuel Whitefield: “Deus iniciou o seu plano com Abraão a partir de seu desejo de salvar as nações.” (WHITEFIELD, S. *Tudo será consumado: trazendo sentido ao retorno de Jesus*. São Paulo: Impacto, 2020, p.127.). Olhando, também, para o que Paulo diz em Gálatas 3:8, entendemos que a salvação de todas as nações - ou seja, os gentios - não foi uma ideia que surgiu com o tempo, mas sempre esteve no coração de Deus. Tendo sido o evangelho predito a Abraão, como ensina o apóstolo Paulo, ele seria, posteriormente, levado a todas as nações. Sendo, portanto, a nação de Israel o meio pelo qual Deus manifestou o Messias, possibilitando a salvação aos gentios. E não somente manifestando Cristo ao mundo pela carne, ou seja, por ter nascido judeu, de modo que “As nações não podem receber o conhecimento de Deus e sua salvação sem a obra de Deus em Israel.” (idem, p.128). Mas, cremos, segundo Efésios 2:12-16, na união, em Cristo, de Judeus e Gentios para uma manifestação gloriosa da Igreja de Jesus. [25] “O corpo mencionado no versículo 6 [de Efésios 3] é o já existente corpo de crentes judeus que nunca deixaram a fé, que reconheceram e receberam o Messias, e que receberam o Espírito Santo que lhes foi prometido. O mistério é que os gentios podem agora ser co-herdeiros com eles, e co-participantes com eles no Messias Jesus através do evangelho.” (KATZ, A. *True Fellowship: church as community*. Burning Bush Press, 2009, p. 47, tradução nossa). Portanto, fomos enxertados na promessa pelo evangelho, anunciado em primeiro lugar a Abraão e manifesto em Cristo Jesus, o Messias. Por esta razão, o caminho para salvação é o mesmo, tanto para judeus como para gentios. Como nos ensina Joel Richardson: “Para entender verdadeiramente o “mistério de Israel”, é absolutamente fundamental entender que nos dias de Paulo, assim como nos nossos, *quem quer que seja* - judeu ou gentio - que venha ao Senhor em arrependimento e coloque sua fé em Jesus será salvo e trazido para família de Deus. Na verdade, essa é a única maneira de alguém ser salvo.” (RICHARDSON, J. *Quando um judeu governar o mundo*. São Paulo: Impacto, 2019, p.81). [26] KATZ, A. *True Fellowship: church as community*. Burning Bush Press, 2009, p.48, tradução nossa. [27] Assim ensinam os autores

Colin M. e Tony P., no livro *A treliça e a videira*, ao observarmos um jardim e o funcionamento entre a treliça e a videira, indicando que o papel fundamental de qualquer ministério cristão é pregar o Evangelho de Jesus Cristo. “No entanto, assim como algum tipo de estrutura é necessária para ajudar uma videira a se desenvolver, assim também ministérios cristãos precisam de alguma estrutura e apoio” (MARSHALL, C. e PAYNE, T. *A treliça e a videira: a mentalidade de discipulado que muda tudo*. São José dos Campos (SP): Fiel, 2015, p.14). Portanto, concordo com os autores ao dizerem que para o crescimento do organismo precisamos de organizações básicas que promovem ainda mais crescimento do mesmo. [28] Por favor, perceba que não estou criticando a necessidade de pregarmos o evangelho e gerarmos discípulos por entre as nações. No entanto, desejo enfatizar que não creio que sejamos os responsáveis por uma mudança global. Creio que Cristo o é! Como conversamos no livro *Renovação da mente* (2022), a segunda vinda de Cristo não é aguardada apenas por nós, mas, também, pela criação, a qual ardentemente espera ser livre do cativeiro do pecado. [29] A orfandade da qual me refiro não é a do abandono parental, mas no espírito. E se isso te ofendeu, eu não posso mudar uma só palavra, pois creio que mais do que nunca você precisa ouvi-la. Mas a verdade é: todos aqueles que não nasceram de Deus, pelo Espírito, são órfãos, e não sabem o que é família, filiação e paternidade. E é por isso que Jesus nos disse em João 14:18 “Não vos deixarei órfãos”. Por melhor que tenha sido sua criação, ela não pode se comparar com a paternidade divina, por melhor que tenha sido sua família, ela ainda não representa a magnífica comunhão com Deus, e a realidade em Cristo a qual a Igreja está. Deverás, precisamos amar, respeitar, e zelar pelos nossos parentes de sangue, por toda nossa vida. Mas, a orfandade interior, só é curada quando verdadeiramente somos adotados, em Cristo! [30] BAKER, H. *Stop for the One*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fam2vZDka90>; acessado em junho de 2022. [31] LOPES, H. D. *Filipenses: a alegria triunfante no meio das provas*. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 106. [32] Idem, p. 107. [33] Idem, p. 108. [34] “Em segundo lugar, havia comunhão-, a palavra significa “co-participação”, e, embora pudesse referir-se à distribuição dos bens conforme a descrição nos v. 44-45, é mais provável que aqui se refira a uma refeição em comum ou à uma experiência religiosa da qual todos participavam.” (MARSHALL, J. H. *Atos: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980, p. 82.) [35] KISTEMAKER, S. J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição de Atos dos Apóstolos (Vol I)*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 155. [36] “Alguns alegam que o que há em mira aqui não passa de mera refeição de convívio, talvez uma continuação das refeições feitas com o Senhor ressurreto, sem qualquer relação específica à Última Ceia ou à forma paulina da Ceia do Senhor, que celebrava a Sua morte; é muito mais provável, no entanto, que Lucas aqui está empregando um nome antigo palestino para a Ceia do Senhor no sentido rigoroso.” (MARSHALL, J. H. *Atos: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 82.) [37] “No grego, o artigo definido precede o substantivo pão e assim especifica que os cristãos partilhavam do pão separado para o sacramento da comunhão (comparar com 20.11; 1Co 10.16). E também, o ato de partir o pão tem sua continuação no oferecimento de orações (presumivelmente no ambiente do culto público). As palavras a partir do pão aparecem dentro da sequência do ensino, comunhão e orações nos cultos de adoração. Logo, compreendemos o termo como uma descrição antiga da celebração da Santa Comunhão. Na liturgia da igreja cristã essa celebração era e é geralmente acompanhada por ensinamentos do evangelho e por orações.” (KISTEMAKER, S. J. *Comentário do Novo Testamento – Exposição de Atos dos Apóstolos (Vol I)*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 155.) [38] “‘Senhor, ensina-nos a orar.’ Sim, a nós, Senhor. Temos lido em Tua Palavra as orações poderosas que Teus servos do passado fizeram e as grandes maravilhas que Tu operaste em resposta às suas petições. E se isso ocorreu na Antiga Aliança, no tempo de preparação, quanto mais agora, nos dias de cumprimento, Tu não darás a Teu povo a segurança plena de Tua presença em nosso meio. Temos ouvido como Teus apóstolos experimentaram a verdade gloriosa do poder da oração em Teu nome e estamos certos de que tais promessas podem ser verdadeiras para nós também. Ainda hoje temos ouvido inúmeros relatos de sinais gloriosos de Teu poder, os quais Tu ainda concedes àqueles que confiam plenamente em Ti. Senhor, todos esses homens eram sujeitos às mesmas paixões que nós! Sendo assim, ensina-nos também a orar. Se as promessas, os poderes e dons do mundo vindouro são para nós, então nos ensina a orar para que os recebamos abundantemente.” (MURRAY, A. *Com Cristo na escola de oração*. São Paulo: Clássicos, 2009, p. 19). [39] Hoje, somos 5 igrejas, sendo que duas estão em processo de

plantação (Londres - UK e Imperatriz - MA). No entanto, as três primeiras nasceram praticamente juntas. Essas são as igrejas de: São Paulo, Rio de Janeiro e Juiz de Fora. [40] Certamente, não teríamos feito isso sem a ajuda do Senhor, de mentores e sem o auxílio dos nossos fiéis amigos e discípulos, os quais, hoje, se tornaram não apenas como filhos na fé, mas também conservos conosco no presbitério da Igreja ONE. [41] As mensagens eram: “Fome”, “Renovação de mente”, “Andando como Filho”, “A graça de Deus”, “Andando na luz”, “Fiel a revelação”, “Transferência”, “Lugar Secreto” e “Andar em família”. Todos esses temas foram abordados ao longo dos 3 livros. [42] “Em verdade, os termos discípulo e discipulado foram tão profundamente associados ao ministério de Jesus que, como observa Edward L. Smither, para os primeiros cristãos, o termo “discipulado” tornou-se, basicamente, sinônimo de “cristão”. (Edward L. Smither, *Agostinho como mentor: um modelo para preparação de líderes*. São Paulo: Hagnos, 2012, p.14. apud MADUREIRA, J. *O custo do discipulado: a doutrina da imitação de Cristo*. São José dos Campos (SP): Fiel, 2019, p. 23). [43] MADUREIRA, J. *O custo do discipulado: a doutrina da imitação de Cristo*. São José dos Campos (SP): Fiel, 2019, p. 24. [44] “Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28: 18-20). [45] HAMERTON-KELLY, R. G. *Violação sagrada: Paulo e a hermenêutica da cruz*. São Paulo: É Realizações, 2012, p. 304 apud MADUREIRA, J. *O custo do discipulado: a doutrina da imitação de Cristo*/Jonas Madureira. São José dos Campos (SP): Fiel, 2019, p.57. [46] VIEIRA, V. *Andando na luz*. Vitória: Base Livros, 2019, p. 10. [47] Idem. [48] LOPES, H. D. 1,2,3 João: *como ter garantia da salvação*. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 59. [49] VIEIRA, V. *Andando na luz*. Vitória: Base Livros, 2019, p. 14. [50] KATZ, A. *Fundamentos Apostólicos*. São Paulo: Impacto, 2020, p. 45. [51] De acordo com Laura Aidar, autora da matéria do site Cultura Genial, “João e Maria é uma fábula muito antiga que conta a história de dois irmãos abandonados em uma floresta. A lenda, que foi transmitida através da oralidade por diversas gerações na época da Idade Média, foi coletada pelos irmãos Grimm no século XIX, e hoje integra um conjunto de contos muito presente no imaginário infantil. O título original é Hänsel und Gretel, e a história trazia elementos sombrios e um tanto diferentes do que conhecemos atualmente” (disponível em: <https://www.culturagenial.com/historia-joao-e-maria/>; acesso em junho de 2022). [52] KATZ, A. *Fundamentos Apostólicos*. São Paulo: Impacto, 2020, p. 46. [53] A respeito da perseguição dos apóstolos, John Foxe, em seu Livro dos Mártires, escreve algo específico sobre Pedro: “A primeira das dez perseguições foi desencadeada por Nero por volta do ano 64 do Senhor. A tirânica fúria desse imperador foi cruel contra os cristãos, a ponto de - conforme registra Eusébio - encher cidades de cadáveres humanos, mostrando velhos jazendo ao lado de jovens e corpos de mulheres abandonados nus no meio da rua sem respeito algum por seu sexo.” Muitos houve entre os cristãos daqueles dias que, vendo as obscenas abominações e a intolerável crueldade de Nero, julgaram que ele era o anticristo. Nessa perseguição, entre muitos outros santos, o abençoado apóstolo Pedro foi condenado à morte e, segundo alguns relatos escritos, foi crucificado em Roma; muito embora alguns outros, e não sem motivo, duvidem disso. Hegessipo diz que Nero procurava fatos contra Pedro para condená-lo à morte. Quando o povo percebeu isso, rogaram a Pedro, com muita insistência, para que ele fugisse da cidade. Pedro no fim foi persuadido pelos importunos pedidos e preparou-se para a fuga. Porém, ao chegar ao portão da cidade, viu o Senhor Jesus Cristo vindo ao seu encontro, a quem Pedro, adorando, disse: - Senhor, para onde vais tu? - Ao que Ele respondeu dizendo: - Estou voltando para ser crucificado. - Assim Pedro, percebendo que com essas palavras o Senhor se referia ao martírio do qual ele estava fugindo, voltou para a cidade. Jerônimo diz que ele foi crucificado, com a cabeça para baixo e os pés para o alto a pedido dele mesmo porque era - disse ele - indigno de ser crucificado do mesmo modo e jeito como o fora o Senhor” (FOX, J. *O Livro dos Mártires*. São Paulo: Mundo Cristão, 2003, p. 21). [54] “‘Apocalíptica’ significa a intervenção de Deus no tempo e na história liberando juízo.” (KATZ, A. *Fundamentos Apostólicos*. São Paulo: Impacto, 2020, p. 48) [55] Termo criado por John P. Harrigan, em seu livro *The Gospel of Christ Crucified*, para definir o conteúdo da mensagem do Evangelho. (HARRIGAN, J. P. *The Gospel of Christ Crucified: a theology of*

suffering before glory. Fayetteville: Paroikos Publishing, 2019, p. 135, tradução nossa). [56] “Há de ser que, quando teus dias se cumprirem, e tiveres de ir para junto de teus pais, então, farei levantar depois de ti o teu descendente, que será dos teus filhos, e estabelecerei o seu reino.

Esse me edificará casa; e eu estabelecerei o seu trono para sempre” (1 Cr 17:11-12). [57] Jesus é descendente de Davi, conforme vemos em Mateus 1:1:17 e Lucas 3:23:38. [58] SILKER, D. *A fúria das nações: oração, promessa e poder em uma era anti-cristã*. Vitória: Base Livros, 2021, p. 113. [59] KATZ, A. *Fundamentos Apostólicos*. São Paulo: Impacto, 2020, p. 105. [60] Idem. [61]

KATZ, A. *Fundamentos Apostólicos*. São Paulo: Impacto, 2020, p. 108. [62] STOTT, J. *O discípulo radical*. Viçosa (MG): Ultimato, 2011, p.13. [63] “Talvez a estratégia das potestades seja nos ocupar com o nível pessoal da libertação em vez de nos engajar no combate no nível cósmico”

(KATZ, A. *Fundamentos Apostólicos*. São Paulo: Impacto, 2020, p. 102). [64] “Deus escolheu as coisas tolas e fracas para confundir a sabedoria deste mundo. Ele escolhe os que vivem sem a necessidade de possuir coisa alguma, que não buscam prestígio ou fama, que não precisam ser reconhecidos. Os simples e aqueles que se tornam semelhantes às crianças manifestam a sabedoria que é capaz de derrotar as potestades. Um cristianismo que se torna prestigioso, dignificado, aceitável e respeitável deixa de ser apostólico” (Idem, p. 111). [65] Como afirma John Stott, em seu livro *O discípulo radical*, “aqui está o chamado de Deus para um discípulo radical, para um inconformismo radical à cultura circundante. O convite para desenvolver uma contracultura cristã para um engajar-se sem comprometer-se” (STOTT, J. *O discípulo*

radical. Viçosa (MG): Ultimato, 2011, p.14.). [66] “Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem” (Mt 24:37-39). Jesus, ao citar os dias de Noé, exorta-nos a respeito da desatenção. O povo daquele tempo vivia fazendo coisas lícitas, mas, desatentos, não percebiam o que estava para acontecer. Da mesma maneira, Cristo nos exorta em Seu sermão escatológico para que não tenhamos nossa visão cegada por coisas lícitas, corriqueiras, e que tem nos conduzido para uma desatenção no Dia do Senhor. [67] “A zombaria da parte do Senhor (Sl 2:4) reaparece ali, essencialmente, em confundir os sábios (1 Co 1:20), e no triunfo do céu sobre os arrogantes (e.g. Cl 2:15; Ap 11:18; 18:20). Toma-se muito claro, no entanto, que o único assunto para o riso é a própria arrogância — não o sofrimento que custará antes de se acabar” (KIDNER, D. *Introdução e Comentário Aos Livros I e II dos Salmos (Vol. I)*. São Paulo: Vida Nova, 1980, p. 68). [68] “A Igreja do primeiro século, no livro de Atos, nasceu em uma reunião do cenáculo e deve ser vista como um modelo para as verdadeiras testemunhas do Reino” (JOHNSON, J. *Casas de Glória: estratégias proféticas para entrarmos na nova estação*. Rio de Janeiro: Themelios, 2021, p. 118). [69] Sobre o avivamento, Michael Brown afirma que “se o avivamento é uma estação de visita divina incomum, então tudo flui da presença de Deus. Verdadeiramente, avivamento é quando Deus faz aquilo que nós não podemos fazer. A presença Dele entre nós deveria servir como um lembrete constante que, para sustentar um ambiente, uma cultura e um estilo de vida de avivamento, temos que depender integralmente do Senhor” (BROWN, M.; KILPATRICK, J. e SPARKS, L. *O fogo que nunca dorme: chaves para sustentar o avivamento pessoal*. Rio de Janeiro: Themelios, 2022, p. 184). [70] CHAN, F. e YANKOSKI, D. *O Deus esquecido: revertendo nossa trágica*

negligência para com o Espírito Santo. São Paulo: Mundo Cristão, 2010, p. 7. [71] Ao olharmos para as Escrituras, mais especificamente para o livro de Atos, percebemos que a espera por algo maior e o andar em poder naquilo que já receberam não parecia difícil aos apóstolos, já que essas duas realidades não se separam e não se cancelam. Verdadeiramente, o Espírito em nós (agora) nos fortalece e alimenta a nossa esperança do que virá, e a glória futura que esperamos nos lembra de existe muito mais. Quando olhamos para a espera de Atos 1 e para o poder do alto em Atos 2, percebemos que precisamos aprender a permanecer em espera pelas coisas que advém do trono de Deus, as quais somente Ele pode derramar. No entanto, quando analisamos Atos 3 (especificamente o verso 3), vemos uma poderosa realidade presente nos discípulos ao curarem um homem que não andava! [72] Como escrevi no livro “Renovação de Mente” (2022, p. 59), o qual faz parte desta série de livros, “avivamento é um vislumbre do Dia do Senhor, um vislumbre da habitação de Deus em nosso meio. Quando o seu povo, vestido de um novo coração, recebe algo muito maior do que suas capacidades e são liderados

pelo Espírito a um lugar superior e glorioso em Deus". [73] Para se aprofundar no tema, sugiro a leitura do segundo livro deste *box*, a obra *Renovação da mente*. [74] "Finalmente, além de todas as características já mencionadas, o avivamento também é definido como algo que acontece quando Deus se muda para uma região. Muitos questionam essa afirmação dizendo: "Como é possível que Deus se mude para uma região? Como Deus pode residir na Terra?" O que quero dizer com essa expressão é que há um limite para as manifestações de Deus em cada geração. Foi assim ao longo da história. Portanto, quando falo sobre "Deus morar na Terra", eu me refiro a uma habitação parcial. É quando ele desnuda seu braço e manifesta sua autoridade de forma que a sua presença naquele lugar, naquela cidade, naquele bairro ou naquela comunidade seja reconhecida por todos, até mesmo por incrédulos. O termo "avivamento" tem ainda outra definição: é um batismo coletivo no Espírito Santo. É quando Deus, de forma coletiva, emerge um grupo de pessoas, uma cidade, uma nação ou um bairro no poder do seu Espírito Santo. Isso é avivamento!" (DUQUE, M. *Avivamento: uma perspectiva profética do mover de Deus*. São Paulo: Impacto, 2022, p.50). [75] Sobre a responsabilidade divina e humana no avivamento, Mike Duque escreveu: "Teólogos e estudiosos fazem distinção entre os termos 'avivamento' e 'avivamentismo'. O termo "avivamentismo" nasceu com Charles Finney, um grande avivalista. Finney apresentou a ideia de que avivamento não era um milagre ou um ato soberano de Deus, mas algo que poderia ser produzido à medida que o homem estivesse em busca dessa experiência. Em outras palavras, o avivamento aconteceria simplesmente em consequência de um ato de fé e do esforço individual. É esse o conceito de avivamento criado por Charles Finney. Segundo outro conceito muito utilizado principalmente por Jonathan Edwards no primeiro e no segundo despertar nos Estados Unidos, o avivamento é um ato soberano do Senhor em que também ocorre a participação do homem. Edwards era um reformado em sua teologia da soberania de Deus, mas acreditava que avivamentos podem ser também ativados com a cooperação humana. Obviamente, existe uma ala reformada mais tradicional que pensa o exato oposto de Edwards. Qual dessas duas visões é a correta? Creio que as duas têm pontos positivos e negativos. O avivamento é um ato soberano de Deus que o homem certamente não pode produzir. Há homens que oram por avivamento durante 50 anos, mas morrem sem testemunhá-lo. Às vezes, é a geração dos filhos que colhe o fruto de suas orações. O avivamento, portanto, é um ato soberano de Deus. Porém, na história da Igreja, observamos a cooperação do elemento humano para realizar o que Deus planejou para uma determinada geração. A melhor forma de alcançarmos um avivamento é através do discernimento espiritual do que Deus enfatiza naquela geração. A cada época, o Senhor aponta para certos temas. Observe, por exemplo, o grande movimento de oração que se difunde hoje por toda a Terra. Não é algo passageiro, mas sim o cumprimento de profecias bíblicas! É a casa de Deus tornando-se casa sacerdotal. Algo que o Espírito Santo enfatiza não apenas no Brasil, mas em todo o mundo" (DUQUE, M. *Avivamento: Uma perspectiva profética do mover de Deus*. São Paulo: Impacto, 2022, p. 40-41).